

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
GEO 484-MONOGRAFIA**

TAINARA APARECIDA GOMES

**A COMUNIDADE NEGRA RURAL “PAU- DE CEDRO”:
PLURALIDADE ESPACIAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017**

TAINARA APARECIDA GOMES

**A COMUNIDADE NEGRA RURAL “PAU- DE CEDRO”: PLURALIDADE
ESPACIAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Geografia da Universidade Federal de Viçosa
como requisito para obtenção do título de Bacharel
em Geografia

Orientadora: Prof.Dra Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017**

TAINARA APARECIDA GOMES

**A COMUNIDADE NEGRA RURAL “PAU- DE CEDRO”: PLURALIDADE
ESPACIAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Geografia da Universidade Federal de Viçosa como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Geografia

APROVADA: 05 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo – Orientadora
(DGE-UFV)

Profa. Dra. Marilda Teles Maracci (DGE-UFV)

Prof. M.Sc. Higor Mozart Geraldo Santos (DGE- UFV)

“Eu aprendi muito com meus pais. Aprendi a entender as vontades da natureza, quando ela quer que eu plante eu planto, quando não, eu não insisto. Eu olho o céu e sei se vai chover, olho a lua e sei qual semente devo plantar. Eu ouço o pessoal falando que tem que pôr adubo nas plantações. Eu uso esterco de bicho mesmo. Eu não coloco veneno nas minhas roças não. É perigoso! Eu lembro do meu pai falando, que o que faz crescer é o cuidado. Tento passar isso pra comunidade. Não pode ter preguiça, tem que trabalhar e cuidar.”

(Líder da Comunidade Pau-de-Cedro)

RESUMO

A presente pesquisa visou compreender a Comunidade Negra Rural Pau-de-Cedro, situada a 18 km do centro de Viçosa, Minas Gerais. A comunidade é um território plural, que traz marcas, heranças impregnadas e é fruto de cruzamentos de histórias, que garantem a ele um caráter identitário único. Pau-de-Cedro é uma comunidade de maioria negra e está covardemente invisibilizada diante da sociedade e do poder público. Através do cotidiano e das memórias dos sujeitos, investigou-se a possibilidade de ela ser remanescente de quilombo e constatou-se a urgência da implantação de políticas públicas de desenvolvimento econômico social e de projetos culturais, como forma de transformar a realidade de opressão e o racismo que a comunidade vivencia.

Palavras Chave: Quilombo, Lugar, território, Comunidade Negra Rural, Memória, Resistência

ABSTRACT

The present research aimed to understand the Black Community Rural Pau-de-Cedro, located about 18 km from the center of Viçosa, Minas Gerais. The community is a plural territory, which brings imprints, impregnated inheritances and is the fruit of a crossroads of stories, which guarantee to him a unique identity character. Pau-de-Cedro is a black majority community and is cowardly invisible before society and public power. Through the daily life and memories of the subjects, the possibility of being a remnant of a quilombo was investigated and it was verified the urgency of the implantation of public policies of social economic development and cultural projects for the same one, as a way to transform the reality of oppression and the Racism that the community experiences.

Keywords: Quilombo, place, territory, Rural Black Community, Memory, Resistance

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e por me permitir acordar todos os dias e buscar meus sonhos. Por guiar meus passos e me sustentar nos momentos de fraqueza e desespero. A Nossa Senhora Aparecida por me cobrir com seu manto e acolher minhas orações.

Ao meu pai Francisco, meu maior exemplo de humildade e força. Em especial à minha mãe Lucimar, meu porto seguro e maior incentivadora. Esteja certa de que suas orações foram fundamentais para concluir esta etapa. As minhas irmãs Natércia e Natanielle pelo carinho e mão estendida. Ao Jorge pelo amor e paciência.

Aos amigos da vida por acreditarem em mim e transformarem lágrimas em sorrisos. Aos da Geografia pelo companheirismo e incentivo. A caminhada tornou-se menos árdua com vocês ao lado. Em especial ao meu querido amigo Fabrício, meu braço direito durante toda a graduação.

Aos moradores da Comunidade Pau-de-Cedro por abrir a porta de suas casas pra que eu realizasse esse trabalho. Muito obrigada por me permitirem conhecer a história que vocês compõem, dia após dia, da qual eu também faço parte.

Aos mestres, sem exceção, vocês são peças fundamentais na minha formação. Fica registrada a minha gratidão eterna a vocês. Em especial a minha orientadora, Professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, um exemplo de resistência, pessoa por quem nutro uma grande admiração. Obrigada por não desistir de mim e me mostrar que com persistência tudo é possível. Levarei por toda vida e com muito carinho, os ensinamentos recebidos.

Obrigada a todos!

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1: MAPA DA ESPACIALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE SE AUTO RECONHECEM REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS EM MINAS GERAIS SEGUNDO A N'GOLO

FIGURA 2: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MAPA DE VIÇOSA EM MINAS GERAIS

FIGURA: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURA3: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURAS: 4,5 E 6: CASAS DA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURA 7:CULTURAS ALIMENTÍCIAS NA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURA 8: ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTÔNIO NA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURA 9: IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

FIGURA 10: FESTA DE SANTO ANTÔNIO NA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO.

FIGURA 11: BAILE DE FORRÓ COMUNITÁRIO

FIGURAS: 12 E 13: CRIANÇAS BRINCANDO NA COMUNIDADE PAU-DE-CEDRO

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	<u>8</u>
2-NOTAS METODOLÓGICAS	<u>11</u>
3-TECENDO A INVESTIGAÇÃO.....	<u>13</u>
3-1- APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DA PESQUISA	14
3-2-DA NECESSIDADE DE UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE OS LUGARES E OS SUJEITOS	<u>16</u>
4-QUILOMBOS NO TRANSCORRER DA HISTÓRIA	<u>18</u>
4-1- QUILOMBOS EM MINAS GERAIS.....	<u>21</u>
4-2-QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS	<u>26</u>
5-MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA COMUNIDADE NEGRA RURAL PAU-DE-CEDRO	<u>28</u>
5-1- ONDE ESTÁ E COMO É PAU-DE-CEDRO?	<u>28</u>
5-2-COMO VIVEM OS MORADORES?	<u>30</u>
5-3-A HABITAÇÃO E A INFRAESTRUTURA NA COMUNIDADE	<u>32</u>
5-4-A ECONOMIA RURAL: VIRTUDES E PROBLEMAS	<u>37</u>
5-5-AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E ESTATAIS COMUNITÁRIAS:OS LIMITES DO ESTADO.....	<u>38</u>
5-6-O NASCIMENTO DO LUGAR	<u>43</u>
5-7-AS TRAJETÓRIAS DE VIDA:O SENTIDO DE LUGAR	<u>44</u>
5-8-A VIDA E O TRABALHO NA COMUNIDADE:PAISAGENS DO ESQUECIMENTO	<u>45</u>
5-9- IDENTIDADES EM QUESTÃO: UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA?	<u>47</u>
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	<u>48</u>
7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<u>50</u>
ANEXOS.....	<u>54</u>

1. INTRODUÇÃO

Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar
(SANTOS, 2005, p. 161).

Utilizo essa passagem de Milton Santos para iniciar este trabalho, por considerar que no contexto atual a compreensão/apreensão da realidade do meio sócio espacial do qual fazemos parte é de extrema importância para pensarmos nosso papel cotidiano na construção dos espaços e nos reconhecermos como pessoas presentes no mundo.

Dessa forma, estudar e conhecer um lugar é antes de tudo, compreender as relações que se estabelecem em escalas maiores e que se materializam no lugar, no transcorrer da história.

Estudar a Comunidade Negra Rural “Pau-de-Cedro”, situada cerca de 18 km do centro de Viçosa, Minas Gerais é trazer para a discussão um lugar invisibilizado, onde as pessoas embora façam parte da cidade estão à margem dos benefícios que o Estado deveria proporcionar a todos os cidadãos do município de Viçosa.

O interesse em estudar a referida comunidade envolveu a minha trajetória pessoal, já que meus pais nasceram e cresceram nela e é, ainda hoje, o lugar de muitos dos meus familiares. No decorrer do processo de construção dessa pesquisa fui convidada a integrar o projeto “Se eu quero, eu posso”, um projeto voluntário voltado à educação de jovens e adultos desta comunidade rural. A entrada neste projeto foi fundamental pra amadurecer a proposta, já que me proporcionou uma aproximação com os jovens e adultos desta comunidade, bem como novamente experimentar situações que dizem muito sobre quem são essas pessoas e como se veem inseridos na sociedade como “negros da roça”.

Estudar o lugar é algo desafiador e instigante, pois todo lugar está repleto de vínculos. Somos, sem dúvida, frutos de uma construção histórica. Nossos lugares possuem heranças impregnadas, trazem marcas e histórias vividas por outras pessoas sendo, portanto, um espaço coletivo em constante construção.

No Brasil, a diversidade da luta pela terra implica na necessidade de uma constante reflexão sobre a exclusão histórica e étnico-racial dos grupos envolvidos. A relação com a terra no campo bem como a marginalização urbana, não podem ser retratadas somente com recortes de classe social.

Este trabalho, intitulado “A Comunidade Negra Rural Pau-de-Cedro: pluralidade espacial, desafios e possibilidades” teve como objetivo buscar elementos a fim de pensar tal comunidade como uma possível remanescente de quilombo. Para isso, considerou-se as formas de uso da terra e dos recursos do lugar, questões de trabalho e estratégias de sobrevivência, bem como seus habitantes se veem inseridos no mundo a partir da percepção de ser e viver nesse lugar, do seu cotidiano, evidenciando costumes e marcas deixadas ao longo do tempo pela cultura de matriz africana.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos, organizados de forma a apresentar a comunidade negra rural Pau-de-Cedro, tendo como seu fio condutor a história e a memória dessa comunidade.

O capítulo 1, “Tecendo a investigação”, traz as aproximações com a temática pesquisada e evidencia a necessidade de olhares sensíveis sobre os lugares e sujeitos considerados marginalizados. Discorro aqui, sobre as experiências pessoais e acadêmicas que me fizeram pesquisar a Comunidade Pau-de-Cedro.

No capítulo 2 “Os quilombos no transcorrer da história”, são postas as significações do conceito de quilombo que, se antes constituía-se numa forma eficaz de resistência e oposição ao sistema escravista, após a promulgação da constituição de 1988, assume um novo sentido e transforma-se em movimento, principalmente de luta pelo controle da terra.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Memórias e trajetórias da comunidade negra rural Pau-de-Cedro”, faz uma caracterização inicial da comunidade em seus aspectos demográficos, de habitação e infraestrutura, econômicos e sociais, dialogando com o olhar dos moradores sobre esse lugar, onde reproduzem a vida. O capítulo traz os porquês de a comunidade levar esse nome e, pautado nos pilares da relação com a terra e uso dos recursos, discute o cotidiano e as memórias dos sujeitos, assim como as estratégias de resistência. Finalmente, põe em questão a possível Identidade Quilombola da comunidade Pau-de-Cedro.

Considerando o que foi exposto, a pesquisa buscou elementos através da história, memória, do cotidiano e das vivências na comunidade, que apontam para a possibilidade de ela ser um território quilombola. Nossa investigação intentou também demonstrar a importância de lançar um outro olhar sobre os lugares e os sujeitos e mostrar que o conhecimento da nossa história e a história do lugar onde vivemos, diz muito sobre quem somos e ajuda a compreender a realidade e assim como transformá-la.

2- NOTAS METODOLÓGICAS

O propósito das pesquisas é buscar respostas, é uma ferramenta que possibilita ampliar o conhecimento sobre o que é estudado. Gil (2007, p. 17) afirma que a pesquisa é:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A pesquisa tem caráter qualitativo já que se preocupou em compreender e explicar aspectos da realidade pautados em relações de um grupo social. Minayo (2001, p. 14), afirma que:

“À pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Centrada na compreensão da comunidade negra rural Pau-de-Cedro e considerando-se a importância do contexto social na qual ela se insere, a pesquisa pretende alcançar outros possíveis pesquisadores. Considera-se que assim o problema da falta de informações escritas sobre esses lugares seja minimizado.

A caracterização do objeto de pesquisa foi feita através da pesquisa exploratória. Foi realizada pesquisa de campo, que segundo FONSECA (2002, p. 52), “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.” No caso deste trabalho, visitas quinzenais a comunidade antecederam a pesquisa de campo para estabelecer uma aproximação com o grupo observado e eliminar qualquer estranheza entre ambos. Compartilhou-se hábitos e papéis para que comportamentos e fatos fossem observados de maneira clara. Partiu-se do pressuposto que participar na vida cotidiana de um grupo cria condições privilegiadas para a observação e, portanto, entender os significados da realidade.

As informações presentes neste estudo abarcaram dados primários e secundários. Estes últimos constam em fontes oficiais de órgãos ligados à administração pública da cidade de Viçosa e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Os dados primários foram obtidos através de entrevistas, com questionários semi-estruturados diretamente com a população. Esta pesquisa abrangeu 18 das 23 residências que compõem a comunidade Pau-de-Cedro, correspondendo, portanto, a 78,26% da população total.

Utilizou-se também a fonte oral para dar uma dimensão viva a pesquisa, através da memória dos sujeitos. Paul Thompson afirma que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992,p.17).

A escolha dos pesquisados para gravar as entrevistas foi feita por indicação dos próprios entrevistados. Foram 4 gravações no total, sendo três entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade e uma com o atual líder comunitário. A ideia foi registrar as falas e entender que traços da memória individual e coletiva ainda permanecem guardados.

Para Maurice Halbwachs (2004, p. 85), “toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.”

Ao utilizarmos como método a história oral temos consciência que este permite que o entrevistado relembre o que foi significativo em seu passado, enquanto sujeito inserido em um contexto social específico, portanto suas memórias dizem muito coletivamente.

As visitas à comunidade para levantamento de campo e observação ocorreram no decorrer do ano de 2016.

3-TECENDO A INVESTIGAÇÃO

Considero que a motivação para uma determinada pesquisa não parta somente das escolhas pessoais que fazemos, ela é fruto dos autores que estudamos, da convivência com professores e colegas durante o curso, dos nossos grupos de estudos e traz ainda, marcas da nossa trajetória pessoal. A beleza e as cores da pesquisa são o resultado de um emaranhado de histórias que se cruzam e vão dando a ela, formas e vida.

Trago as palavras do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr., pois elas traduzem bem o que pretendo com esse capítulo:

“Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e da habilidade de quem narra (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 31).”

Explicito, a seguir, quais os fios me conduziram a essa presente pesquisa, tanto na minha trajetória pessoal, quanto na minha vida acadêmica. As minhas inquietações do presente fizeram-me lançar um olhar para o passado. Somos, sem dúvida, frutos de uma construção histórica. Nossos lugares possuem heranças impregnadas, trazem marcas e histórias vividas por diferentes pessoas, portanto, são um espaço coletivo em constante construção.

Num primeiro momento, trago a minha trajetória acadêmica e as escolhas feitas e que foram cruciais para a realização da presente pesquisa. Em seguida, procuro argumentar a relevância da realização da mesma, bem como sua problemática central.

3.1-APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DA PESQUISA

Considero importante falar sobre a minha trajetória pessoal e acadêmica para aproximá-las da temática dessa investigação.

Sou negra, nasci e cresci na roça¹ e sempre tive consciência das dificuldades de acesso às necessidades básicas para quem mora no campo. Aqui destaco, principalmente, a dificuldade de acesso à escola devido à

distância, o que ainda hoje faz com que muitas crianças e adolescentes abandonem a escola. Destaco, também, as incontáveis situações de racismo e preconceito em que vivenciei por ser “negra da roça”. Existir nos cenários rurais, significa na maioria das vezes, estar inserido na sociedade de uma maneira subalterna.

Essa constante inquietação enquanto sujeita negra e com relação as singularidades e as diferenças entre os lugares me levaram, após concluir o Ensino Médio, a cursar Geografia na Universidade Federal de Viçosa. No primeiro ano da graduação surgiu a oportunidade de atuar como monitora em uma escola da cidade. Coincidentemente, os meus alunos eram moradores de uma comunidade negra que, na época, lutava para ser reconhecida como quilombola. Considero este, o marco inicial a minha aproximação com a temática da identidade afro-descendente.

No meu terceiro ano de curso, fui convidada a integrar o projeto “Se eu quero, eu posso”, um projeto voluntário voltado à educação de jovens e adultos da Comunidade Rural Pau-de-Cedro. A entrada neste projeto foi fundamental para amadurecer a ideia, já que me proporcionou novamente uma aproximação com os jovens e adultos da Comunidade, bem como experienciar situações que dizem muito sobre quem são essas pessoas e como se veem inseridas na sociedade.

Como meus pais nasceram e cresceram na referida comunidade e ela ainda é o lugar de muitos dos meus familiares, escolhi fazer a pesquisa na comunidade pois encontraria um ambiente mais familiar, já que havia uma relação pré-estabelecida de confiança e amizade.

Paralelamente a isso, acompanhava sempre que possível os trabalhos de grupos de estudos sobre as desigualdades étnico-raciais, a (in)visibilidade do negro, as histórias de in/exclusão presentes na nossa sociedade e as políticas de promoção da igualdade, temas que sempre me interessaram. A partir disso, decidi que era preciso trazer a comunidade Pau-de-Cedro para discussão, a fim de buscar respostas para as minhas inquietações e resgatar a história daquele lugar que muito diz sobre a minha família e demais moradores.

¹ Roça enquanto ambiente rural em oposição ao urbano, sinônimo de campo, zona rural.

Com este breve relato da minha vida acadêmica, pretendi mostrar que vários foram os motivos que me levaram à presente pesquisa. Ela é fruto de um amadurecimento teórico sobre algo que já me instigava em toda graduação. A convivência com aqueles sujeitos, as conversas sobre o cotidiano e as relações sociais vividas por eles na comunidade incitava vários questionamentos. Interessava-me saber quem eram aquelas pessoas, como se enxergavam no mundo, porque viviam isoladamente, qual a história do lugar que habitam, quais dificuldades enfrentam e muitas outras questões.

Ao buscar material bibliográfico, deparei-me com um enorme número de trabalhos sobre etnicidade, comunidades remanescentes de quilombos, a situação do negro na atualidade, etc., trabalhos esses que acredito partirem assim como o meu, da necessidade de um novo olhar sobre identidade e cultura na contemporaneidade. O momento atual mostra o quão atuantes e resistentes estão os movimentos sociais, esses que nos fazem enxergar nitidamente a dinamização e ressignificação das relações sociais.

Cabe ressaltar também, que essa temática vem sendo pesquisada por diferentes áreas da ciência como forma de combate à desigualdade social e o sobretudo, o racismo. Assim sendo, é importante que esses trabalhos aconteçam para que essas comunidades invisibilizadas e esquecidas tenham resgatadas suas histórias e memórias de seus sujeitos e para que sejam enxergadas pela sociedade e tenham seus direitos garantidos.

A seguir apresento o aparato teórico que norteou o meu olhar sobre a realidade dessa comunidade e sobre seus sujeitos.

3.2- DA NECESSIDADE DE UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE OS LUGARES E OS SUJEITOS

São os olhares que botamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo. É o olhar que botamos sobre as coisas que de certa forma, as constituem. (VEIGA-NETO,1996, p. 27)

Em nossa sociedade sempre existiu a relação de dominação e isso agrava o processo de exclusão de minorias. Entende-se por minorias os:

“Segmentos da sociedade que possuem traços culturais ou físicos específicos que são desvalorizados e não inseridos na cultura da maioria, gerando um processo de exclusão e discriminação” (ROSO, A; STREY, M. N.; GUARESCHI, P.; e BUENO, S. M. N., 2002, p. 75).

Esse processo de exclusão culmina quase sempre, na extração dos direitos à cidadania simplesmente pelo pertencimento dessas pessoas a determinada classe ou grupo social.

Dessa forma, se faz necessário um outro olhar sobre esses sujeitos e lugares, para que se possa garantir os direitos e o fortalecimento dessas identidades marginalizadas. Esse novo olhar para o entendimento do mundo, deve manter-nos atentos e em permanente questionar.

A cultura, enquanto aquilo que nos faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente, tem assumido destaque nos debates atuais já que ela explica as multiculturalidades perpassando pelo discurso da diversidade e servindo para romper com as estruturas dominantes construídas historicamente. Estudar tais relações de poder abre caminhos para entendermos as práticas cotidianas e suas influências na constituição dos sujeitos e dos lugares.

São as nossas formas de olhar o mundo que nos encaminham ao problema de pesquisa. Esse discurso da diversidade nos leva a pensar nos sujeitos e de maneira especial, naqueles que foram historicamente excluídos.

Posto isso, posiciono o sujeito negro da comunidade Pau-de-Cedro no centro dessa investigação, pois é sabido que estes ocupam determinados espaços, mas sua história pertence a um passado que define sua descendência e cultura. É importante saber como este sujeito foi historicamente constituído e como ele se vê inserido no mundo.

4- OS QUILOMBOS NO TRANSCORRER DA GEOGRAFIA

Este capítulo se propõe a uma breve análise das diferentes visões acerca dos quilombos no Brasil e as questões contemporâneas que emergem desse debate.

Os grupos hoje intitulados comunidades negras rurais remontam ao período escravocrata brasileiro não podendo, portanto, serem dissociados da discussão acerca da invisibilidade e da opressão. O histórico e a trajetória dos quilombos no Brasil apontam para o senso comum que atribuem a eles o sentido de “lugar de negros escravos fugidos”, colocando-o num contexto negativo e limitado.

Atualmente, inúmeras comunidades negras rurais têm despontando no cenário nacional. Todavia, pouquíssimas têm conquistado a titulação das terras, continuando a viver em condições sub-humanas e totalmente esquecidas pelo poder público.

A Constituição Federal de 1988, garante, através do artigo 68 que:

“[...] aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos”

A formação territorial do Brasil se deu sob o escudo colonial. A terra foi conquistada pelos europeus que aqui se apropriaram dos espaços, dos recursos naturais e dominaram os povos aqui encontrados, considerando-os inferiores. O objetivo principal de Portugal era explorar ao máximo a colônia, o que era mais rentável a Coroa Portuguesa. A ameaça da França e da Holanda no litoral da colônia fizeram com que Portugal decidisse colonizar efetivamente o Brasil. A costa foi ocupada através de arrendamentos de terras doadas pelo rei, sob a condição de pagamentos de impostos.

Com a colonização foi implantado o Plantation como sistema de exploração colonial, uso e posse de terras que visava cultivar grandes plantações para abastecer o mercado português. A sustentação desse sistema só foi possível com a implantação do escravismo como suprimento da força de trabalho.

Os portugueses utilizaram o conhecimento prévio dos africanos para facilitar a escravização de sua população. Muitos foram trazidos ao Brasil como força de trabalho para explorar a colônia, trabalhando nos latifúndios monocultores, que produziam produtos tropicais a serem vendidos na Europa.

Aqui os escravizados foram destinados ao trabalho nos latifúndios de cana de açúcar, nas minas de ouro e diamantes, nas fazendas de café ou mesmo no trabalho doméstico ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

A escravidão foi um processo de extrema violência. As atividades necessitavam de um grande número de trabalhadores que eram submetidos a uma rotina de trabalho difícil, pesada, sem lucros para os cativos, força de trabalho da produção latifundiária. O trabalho era intenso e o próprio cotidiano nos engenhos, nas fazendas ou nas minas, já representava uma violência impactante.

Além disso, os escravizados foram submetidos a castigos constantes e humilhações, trabalhavam incansavelmente e viviam em condições precárias nas senzalas sem alimentação adequada ou remuneração.

Diversas táticas eram praticadas para fugir da violência e dos abusos sofridos pelos escravos. Homens e mulheres cativos não foram passivos ao sistema a que foram submetidos, reagindo das mais variadas formas. Essa resistência na visão de Reis (1996), se estabelecia de diferentes formas:

“Onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia, fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente. Houve um tipo de resistência que poderíamos considerar a mais típica da escravidão [...] trata-se das fugas e formação de grupos de escravos fugidos [...] essa fuga aconteceu nas Américas e tinha nomes diferentes: na América espanhola: Palenques, Cumbes; na inglesa, Maroons; na francesa, grand Marronage e petit Marronage [...]; no Brasil, Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, Calhambolas ou Mocambeiros. (REIS, 1996, p.47)”

O termo aparece segundo Malheiros (1976: 50-51):

O “quilombola” ou “calhambola” existiu como categoria jurídica no período escravista brasileiro. Aparecem na legislação da época as expressões calhambola (Alvará de 3 de março de 1741) e quilombola (Provisão de 6 de março de 1741).

No início da década de 1990, alguns arqueólogos e antropólogos divergiam quanto à definição mais adequada para a expressão “remanescentes de quilombos” (Cf. Arruti, 2006: 84)

O Decreto 4887, de 20 de novembro de 2003 estabelece: Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

A definição proposta pela ABA representou um avanço teórico e prático para os estudos que permeiam essa temática, indicando um esforço no sentido de abandonar o conceito de quilombo definido em 1740 pelo Conselho Ultramarino, o qual definia como quilombo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (Almeida, 2002).

O Grupo de Trabalho da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) sobre Terra de Quilombo afirma que contemporaneamente, o termo quilombo vem sendo ressemantizado para designar a situação presente de várias comunidades negras em diferentes regiões do Brasil:

“O termo não se refere mais a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram construídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio...” (Grupo de Trabalho da ABA sobre Terra de Quilombo, 1994, p.18, *apud* O’Dwyer, 2002).

Os quilombos são uma das maiores expressões de luta organizada do Brasil e sempre existiram dentro dos mais de 300 anos de colonização e escravidão. No entender de Nascimento (1980):

“Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (p.32) .”

Os quilombos viviam nas matas, nas montanhas e florestas, sempre atentos a sociedade que os perseguia e vigiava. Mas também havia os que se fixaram nos arredores de vilas e das fazendas e que mais tarde, tornou-se os centros urbanos. Esse núcleo de resistência compartilhava entre si crenças, costumes, línguas, valores e tradições. Nestas comunidades, os quilombolas praticavam a cultura africana, plantando e produzindo em comunidade.

A abolição da escravidão, ocorrida em 13 de maio 1888, foi o desfecho de um processo longo, que por razões políticas, econômicas e sociais, levou ao desmantelamento da escravidão no Brasil. Antes da promulgação da Lei Áurea, outras três leis começaram a dificultar e encarecer a manutenção do trabalho escravo no país. A primeira delas é a lei Bill Aberdeen (1845), que autorizava as embarcações britânicas a confiscarem todo e qualquer navio que transportasse escravos. De tal modo, o comércio de escravos no Brasil ficava prejudicado. Essa lei não visava o fim da escravidão, apenas tornava o preço dos escravizados bastante alto, e contribuía, portanto, para o aumento do tráfico a curto prazo, pelo desejo evidente dos envolvidos no ramo de se aproveitar de tal prática comercial cuja extinção já era prevista.

Em 1850, a Lei Eusébio de Queiroz proibiu a chegada de embarcações negreiras no país. Em sentido prático, essa medida acabou sendo vista como a primeira lei abolicionista oficializada em território brasileiro. Com o passar do tempo, a diminuição da oferta de escravos acabou forçando vários senhores de terra a buscarem o uso da mão de obra assalariada de trabalhadores migrantes.

No ano de 1871, a Lei do Ventre Livre estipulou que todos os filhos de escravos que nascessem após o ano de publicação daquela lei fossem considerados libertos. A partir daquele momento, integrantes das classes médias urbanas passaram a se organizar em favor do fim definitivo da escravidão.

O “fim” da escravidão no Brasil ocorreu somente em 1888, quando a princesa Isabel, então no trono na condição de regente, assinou a Lei Áurea. Entretanto, depois da abolição, não foram implementadas medidas para inserir

a população negra na sociedade. Não houve, por exemplo, nenhuma ação para viabilizar o acesso à terra e à moradia e os negros tinham que disputar o mercado de trabalho com os brancos e imigrantes – na maior parte das vezes mais qualificados e sem carregar o peso da escravidão recente. Os libertos também ficavam às margens das políticas de saúde e educação, impedindo que eles exercessem uma verdadeira cidadania.

4.1- QUILOMBOS EM MINAS GERAIS

Diante da proposta de estudar a Comunidade Negra Rural Pau-de-Cedro fez-se necessário tecer um breve histórico da presença do negro na sociedade mineira.

Em fins do século XVII, descobriu-se ouro, e mais tarde diamantes e remete-se a essa descoberta, a presença do negro em Minas Gerais. Em meados do século XIX, Minas era a província com maior população negra escravizada no país. A grande presença negra em Minas Gerais está diretamente relacionada ao escravismo na exploração aurífera, que perdurou por bom tempo devido a abundância dos metais na região. A mineração atraiu pessoas de vários lugares para essa região, que prometia enriquecimento fácil e rápido. Muitos foram os que trouxeram ou adquiriram escravos para o trabalho pesado nas minas.

O sujeito negro em território nacional e em especial mineiro, teve imensurável contribuição na formação do país e de sua gente. Infelizmente quase não existiram registros sobre a origem e descendência dos escravos.

Num primeiro momento a ideia de quilombo remete a ideia de recusa ao sistema escravocrata adotado no Brasil. Entretanto, alguns autores consideram-no parte do sistema colonial. Para Ramos (1996):

“Nas zonas mineradoras de Minas Gerais, os pequenos e grandes quilombos eram parte integral da sociedade colonial. Em certo sentido eles realmente funcionavam como uma válvula de escape, retirando aqueles escravos incapazes ou não desejosos de permanecer no interior do tecido social. Os fugitivos rejeitavam o sistema social e cultural, mas na sua maioria, viviam como parte dele em termos econômicos. O quilombo era um aspecto comum na paisagem mineira e essa presença pode explicar a ausência de rebeliões escravas na zona de mineração durante a chamada Idade do Ouro. A rebelião representava em muitos casos um esforço para destruir o sistema, enquanto o quilombo era, pelo menos na superfície, apenas uma rejeição do sistema. pg. 167)”

Os negros dos quilombos plantavam e criavam animais para a própria subsistência e nas áreas de ouro extraíam-no e comercializam clandestinamente, em troca de armas e alimentos.

Os maus tratos, humilhações e castigos sofridos pelos escravos faziam com que muitos se rebelassem contra o sistema e criassem várias estratégias de resistência.

O término da escravidão deixou a paisagem mineira marcada por diversas comunidades quilombolas tanto no cenário rural como no urbano. O Centro de Documentação Eloy de Ferreira da Silva- CEDEFES- aponta que existiam aproximadamente 400 comunidades quilombolas espalhadas por todo território mineiro.

As regiões com maior concentração são a norte e nordeste, com destaque para a região do Vale do Jequitinhonha. Acredita-se que a concentração nessas regiões se deve ao fato de que, no auge da exploração aurífera, no século XIX, o norte e o nordeste do estado eram consideradas áreas de nenhum interesse econômico, ao contrário do sul, que concentrava as grandes fazendas.

Ainda de acordo com o Cedefes, a maioria das comunidades se encontram em áreas rurais, entretanto, há uma significativa presença das mesmas no cenário urbano. Cabe ressaltar que algumas comunidades quilombolas se tornaram urbanas devido ao acelerado crescimento das cidades ocorrido nos séculos XIX e XX.

Atualmente, quilombolas rurais e urbanos lutam pelos seus direitos à terra, pelo reconhecimento e a titulação de seus territórios. No entanto, infelizmente poucas são as comunidades que conseguiram a titulação de suas terras, tendo muitas delas perdido para os grandes latifundiários ou por outros agentes. Há um grande número de processos de regularização de terras quilombolas no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA e nos órgãos estaduais que tratam da questão.

As reivindicações pelas terras conquistadas desde o fim da escravidão pelas comunidades quilombolas, após a década de 1990 ganharam força e visibilidade graças aos muitos movimentos sociais, dentre eles o Movimento do Campesinato Brasileiro e o Movimento Negro. Entretanto, há pouco esforço por

parte do governo em garantir a demarcação e o direito a terras dessas comunidades. Esse esforço aparece sobretudo a partir da criação da Fundação Cultural Palmares, em 1998 pelo Governo Federal, que é a responsável por criar políticas públicas voltadas a população negra. O passo inicial para que uma comunidade seja reconhecida e posteriormente declarada remanescente de quilombo é titularização e o auto-reconhecimento. Este último não garante de imediato a propriedade e a permanência na terra.

Em Minas Gerais, algumas organizações tentam quantificar os quilombolas no estado estão presentes Estado, algumas delas são: Redes de Saberes dos Povos Quilombolas (SAPOQUI), Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Quilombolas (CONAQ) e a EMATER ³- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais. Os dados que aqui aparecem são do Cedefes ¹ e na N'Golo ²-Federação Estadual das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, sediadas em Belo Horizonte- MG. A seguir, pode-se constatar a espacialização das comunidades que se auto reconhecem remanescentes de quilombolas segundo a N'Golo.

¹A Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N' Golo é reconhecida como uma coordenação estadual do CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas). Criada em 2005, a N'Golo é formada por cerca de 640 comunidades quilombolas e tem como objetivo representá-las junto ao poder público e à sociedade em geral, articulando a luta pela terra e pelo reconhecimento de direitos, e pela valorização e difusão da cultura quilombola.

² O CEDEFES é uma Organização Não-Governamental com sede e foro na cidade de Belo Horizonte, fundada em 1985. Trabalha com dois temas centrais: a questão da terra e a questão indígena sobretudo em Minas Gerais.

³ A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER–MG) é a maior empresa pública do setor no Brasil. Fundada em 1948, ela também foi a primeira a ser criada Brasil. Atualmente, a Emater–MG está presente em cerca de 790 municípios do Estado, e seu trabalho virou referência nacional. Vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, do governo do Estado de Minas Gerais, a Empresa é responsável pelo atendimento a aproximadamente 400 mil agricultores mineiros. Ao longo dos anos, a Emater–MG construiu parceria com setores público e privado. Ela tem um mapeamento das comunidades quilombolas.

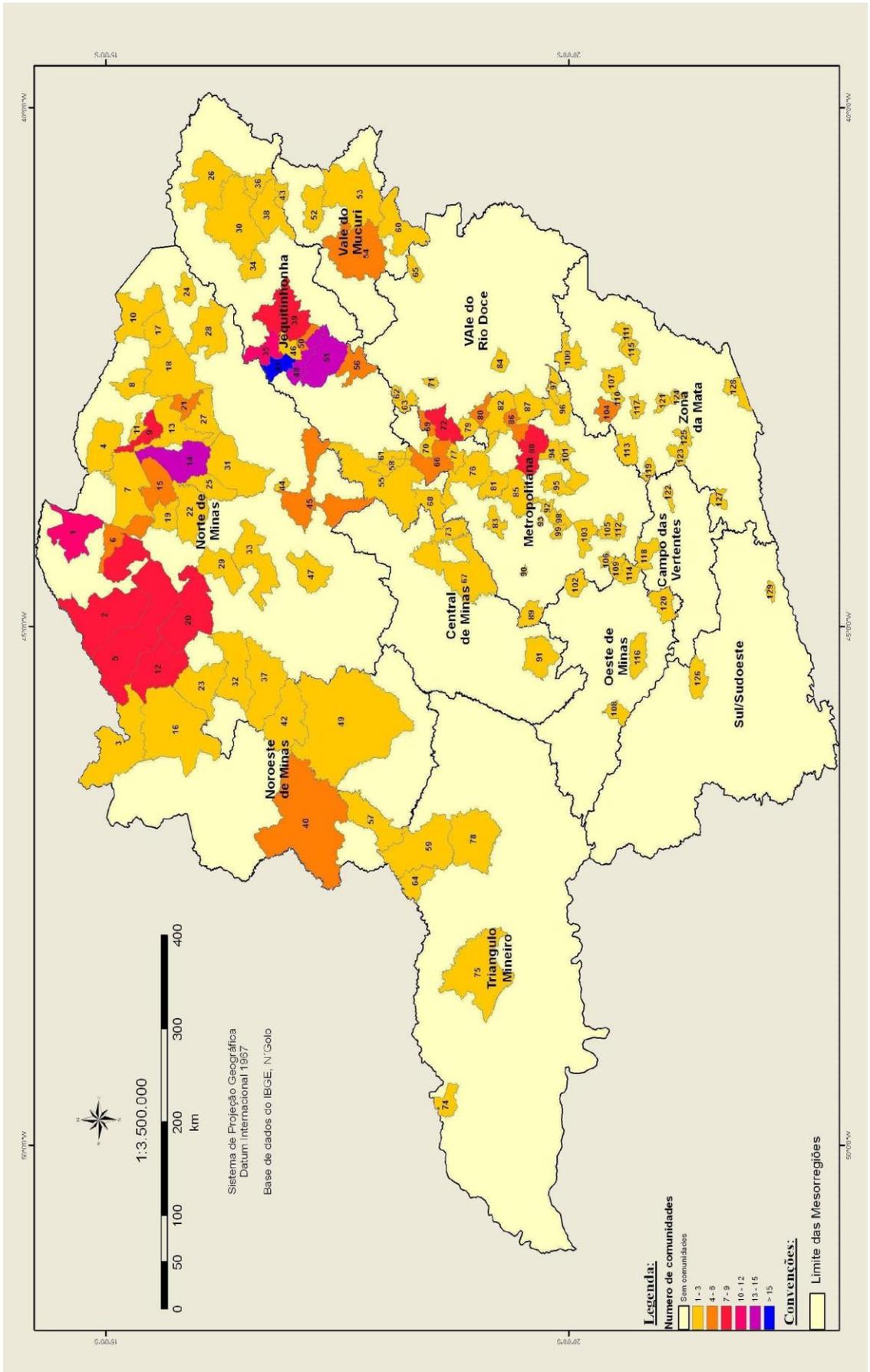


Figura 1: Mapa da Espacialização das comunidades que se auto reconhecem quilombolas segundo a N’Golo.

É possível observar através do mapa, que o Estado de Minas Gerais possui muitas comunidades descendentes de escravos espalhadas por todo seu território. Isso reforça a importância da população negra escrava na configuração de seu território e seu povo. Outro ponto importante, se pensarmos a localização das minas auríferas, é que as comunidades quilombolas estão situadas longe de tais áreas.

4.2- QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS

“Não é discutir o que foi, e sim discutir o que é e como essa autonomia foi sendo construída historicamente.” (A. W. B. de Almeida)

Atualmente, analisar a representação quilombola no campo ou na cidade, exige pensar as dinâmicas da segregação social, racial e as resistências territoriais.

Almeida (2003, p.8) destaca que “o processo que trouxe aos indivíduos de um grupo a auto-identificação de quilombos, significa pensar a questão da identidade como elemento central para a reafirmação da condição de ser e viver um lugar, nesse caso, um território.

A Associação Brasileira de Antropologia evidencia que os quilombos:

“Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.”

Deste modo, hoje os quilombos são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade. Essa identidade étnica não se limita a cor da pele ou a elementos materiais. Trata-se de um processo dinâmico de auto

reconhecimento que aponta para a forma de se organizar de um grupo, ou seja, o próprio grupo social define sua identidade. São territorialidades específicas recriadas pelo grupo.

O que caracteriza o quilombo é sua autonomia e resistência. Entretanto, muitas questões imperam no debate sobre as comunidades quilombolas. Em muitas delas, há uma forte resistência em se aceitar quilombola. Isso se deve ao peso negativo que o senso comum emprega sobre o termo quilombo, como bem define a passagem abaixo:

“‘remanescente’ ou não, as comunidades, sobretudo as lideranças, estão na arena política com um discurso que tenta convencer os próprios moradores, que em alguns casos, por um motivo ou outro, não querem ser chamados de quilombola” (KOINONIA, 2007).”

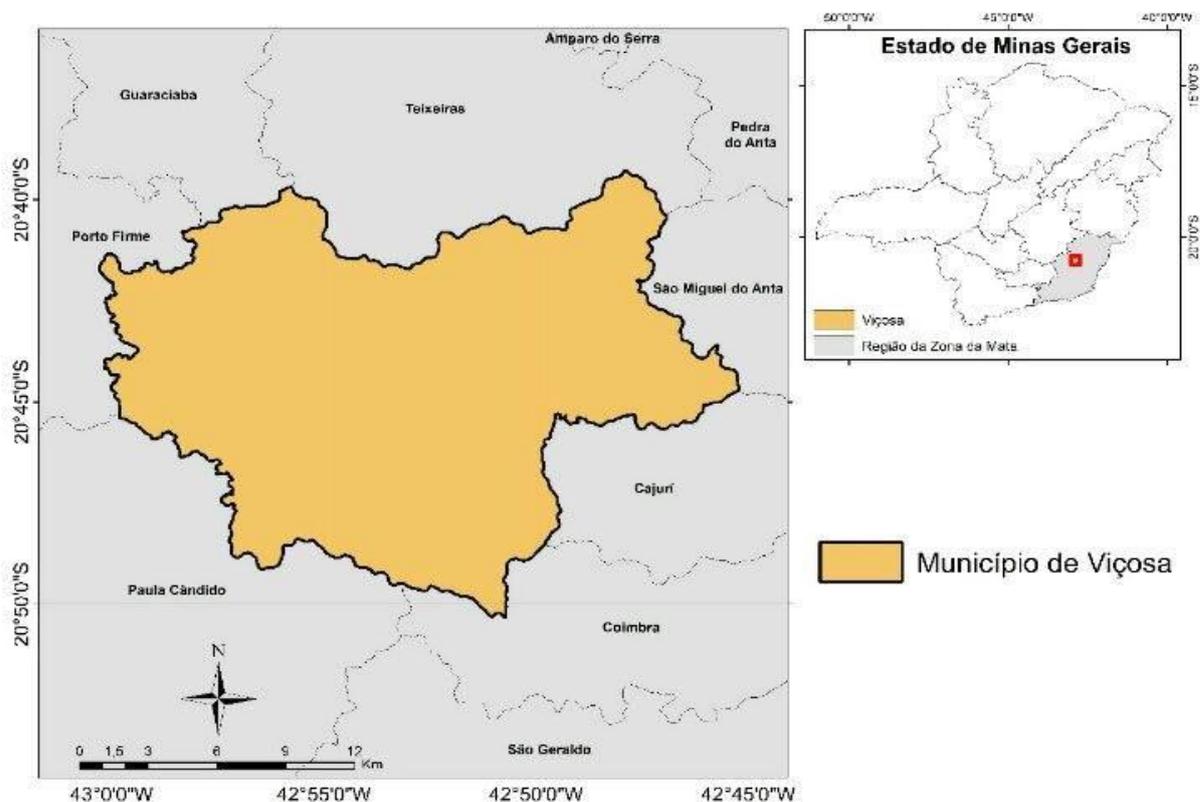
Partindo disso, enxergou-se uma necessidade de se ressignificar o conceito de quilombo na medida em que deixou de ser o quilombo histórico e passou a ser o quilombo Contemporâneo.

5-MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS NA COMUNIDADE NEGRA RURAL PAU-DE-CEDRO.

5.1- Onde está e como é Pau de Cedro?

Segundo Berdague (2006) o município de Viçosa encontra-se na Zona da Mata de Minas Gerais, teve o seu processo de colonização iniciado no final do século XVIII e início do século XIX com o declínio da exploração aurífera da região de Ouro Preto, Mariana e Piranga. A busca de terras para plantio devido à escassez de mantimentos fez com que a população migrasse e esta, acabou fixando-se à beira do Rio Turvo no entorno de uma pequena capela.

Deu-se início a formação e desenvolvimento do que viria ser a cidade de Viçosa; acelerada, mais tarde, pela criação da Universidade Federal de Viçosa, em 1926. A população dessa época era quase exclusivamente rural. A federalização da Universidade, na década de 70, intensificou o crescimento da cidade. A partir de então, a proporção da população urbana e rural se inverte e a parcela urbana passa a prevalecer.



Localização do Município de Viçosa em Minas Gerais. Fonte: IBGE

Viçosa, ocupa uma área de 299,418 km², sendo que 232,40 Km² corresponde ao meio rural, ou seja, 77,60%do seu território (CENSUS, 2014). Conta atualmente com uma população de 77.863 habitantes, exceto estudantes advindos de outros lugares. (IBGE, 2010)

Como é possível verificar na imagem de satélite (figura 3) o relevo é acidentado de caráter montanhoso. A bacia do Rio Turvo Sujo e Ribeirão São Bartolomeu é responsável pelo abastecimento de mais de 70 % da população Viçosense. O clima da região é tropical de altitude. A sua cobertura natural do ecossistema Mata Atlântica, vem a muito sendo substituída pela expansão das lavouras de café. Os minifúndios explorados pela agricultura familiar constituem a estrutura fundiária da cidade.

Segundo o Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável-CENSUS (2014), o perímetro rural do Município de Viçosa abrange os seguintes setores: Córrego Fundo, Buieié, São José do Triunfo, Juquinha de Paula, Arrudas, Piúna, Paula, Nobres, Paraíso, Paiol, Cristais e Retiro.

Pau-de-Cedro, a comunidade lócus deste estudo localiza-se a dezoito quilômetros do centro de Viçosa e é parte integrante do Setor Rural Arrudas juntamente a outras onze comunidades, a saber: Córrego São João, Estiva, Gentil, Ponte do Turvo, Poca, Zubá, Cana Miúda, Arrudas, Portugueses, Coura e Vista Alegre.

É uma comunidade pequena estando localizada entre resquícios de Mata Atlântica. A cobertura original do solo foi dando lugar as poucas casas e as plantações das famílias.

O mapa abaixo mostra a localização da comunidade Pau- de-Cedro. Partindo do centro de Viçosa, passa-se pelo bairro Amoras e pelas comunidades Córrego São João, Estiva, Ponte do Turvo, Zubá, Arrudas, Poca e por fim chega-se a Pau-de-Cedro.

A comunidade é o limite dos municípios de Viçosa, Teixeiras e Guaraciaba. Ela não aparece representada adequadamente no mapa da Prefeitura de Viçosa. O limite da mesma foi inicialmente esboçado a mão junto aos moradores da comunidade e depois delimitado no mapa do Município utilizando o programa Google Maps. A ideia deste mapa é demonstrar que os moradores tem conhecimento de seus territórios, o que é de fundamental importância em caso de uma futura demarcação de terras.

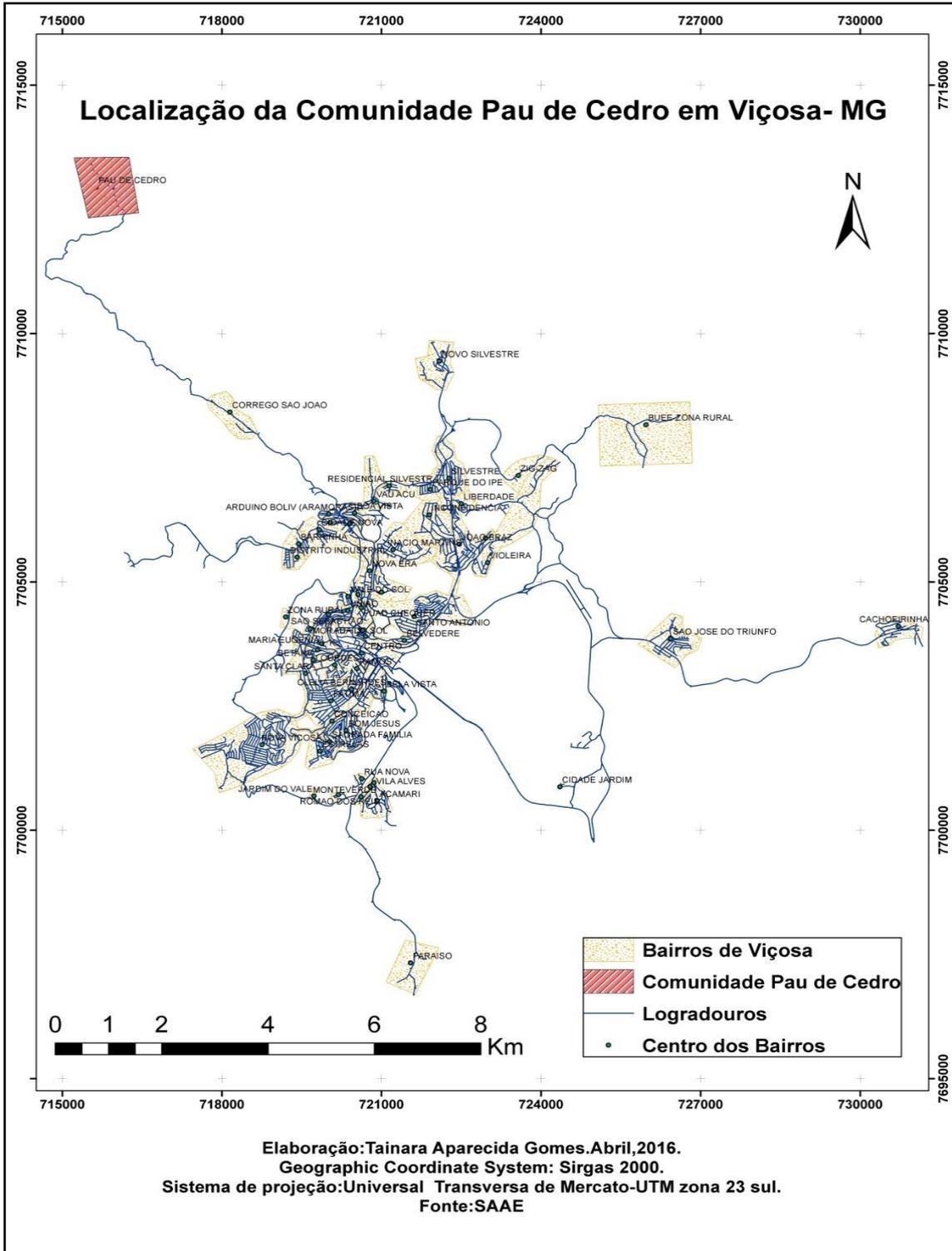
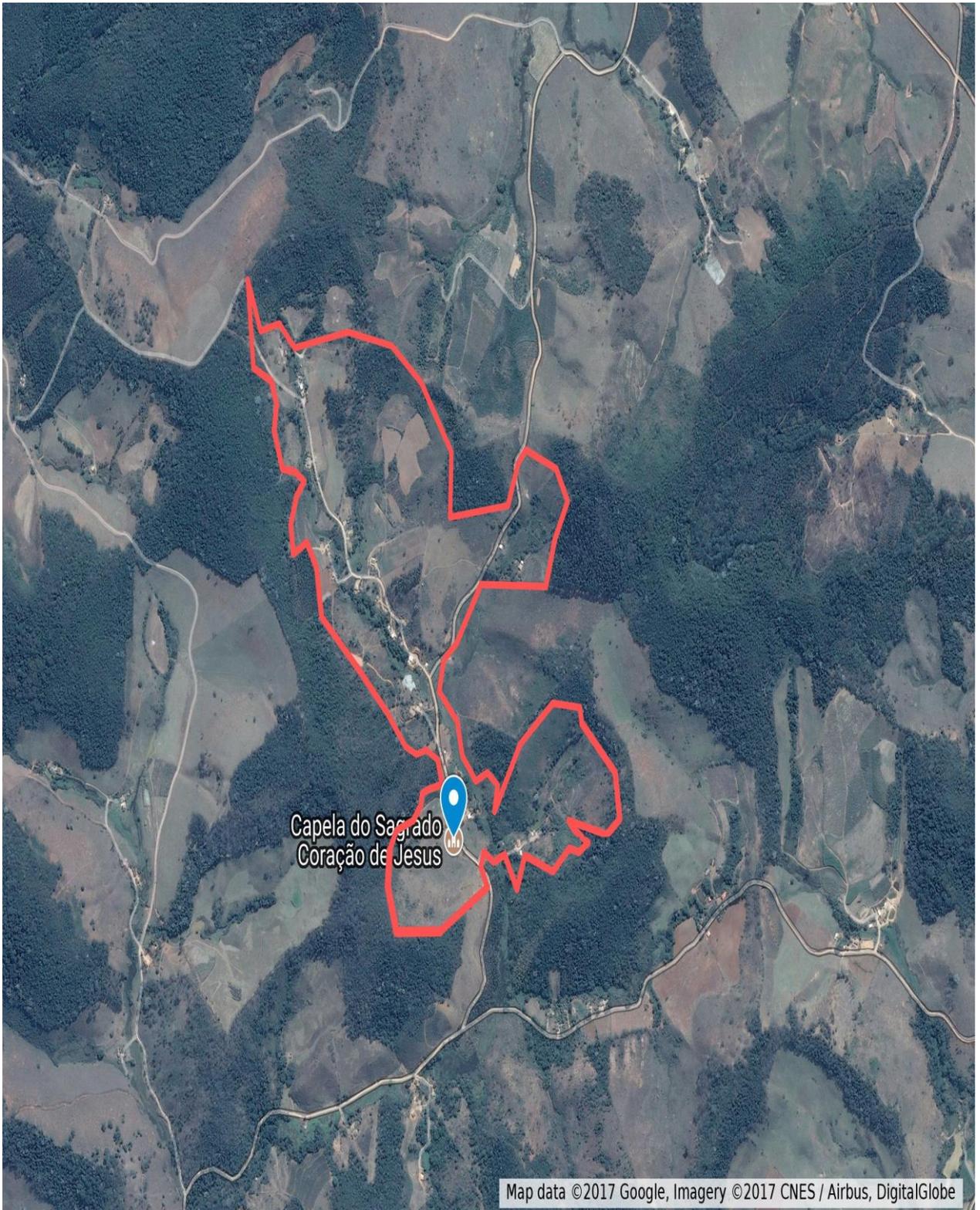


Figura 2: Mapa de Localização da Comunidade Pau- de – Cedro.



**Figura 3: Mapa da Localização da Comunidade Pau-de-Cedro.
Tainara Gomes- 2017**

5-2- Quem são os moradores da comunidade?

Esta pesquisa abrangeu 18 das 23 residências que compõem a comunidade Pau-de-Cedro, correspondendo, portanto, a 78,26% da população total. O levantamento feito mostrou um número aproximado de 62 pessoas na comunidade.

Os dados e informações levantadas em campo mostram a distribuição da população da comunidade segundo gênero, cor e faixa etária. Observou-se que a população masculina predomina sobre a feminina, sendo a primeira 56% e a segunda 44% do total. Notou-se, também, que há participação expressiva da população em menoridade (até 18 anos), representando 45% e adultos de 19 a 59 anos, 37% do total. Já os idosos com mais de 60 anos, são a minoria, representando apenas 18%.

A população da comunidade é de maioria negra, 73%, seguidos pelos que se dizem pardos, 14%, brancos, 10% e Indígenas, 3%, ou seja, 87% se autodeclararam negros.

Com relação ao trabalho, analisou-se a população considerando a PEA- População Economicamente Ativa. Pondera-se que esta compreende pessoas de 16 a 65 anos, aptas ao trabalho. Na comunidade sobressaem os que trabalham na agricultura familiar, 39%, seguidos dos aposentados, 35%. Os trabalhadores assalariados e os desempregados são a minoria, 22% e 4%, respectivamente.

Os trabalhadores assalariados recebem um salário mínimo. Os homens são assalariados no ramo da construção civil e as mulheres empregadas domésticas. É importante ressaltar que a maioria das famílias entrevistadas vivem com um único salário.

No que toca a escolaridade, 42% da população não tem instrução, alguns sequer assinam o próprio nome. Já os que possuem o 1º grau incompleto representam 26% do total. Não há ninguém com curso superior.

É relevante trazer aqui a discussão acerca da desigualdade socioespacial que é imposta a que essas pessoas. A educação é um direito básico e que deve ser garantido pelo Estado. As pessoas dessa comunidade, em seus relatos,

narram que tiveram que abdicar da escola em prol do trabalho para que pudessem ajudar a família e sobreviver.

Essa triste realidade poderia ser contornada com programas de educação de jovens e adultos, mas há pouco interesse por parte do poder público em fazê-lo. Acredito que se essas pessoas tivessem acesso à escola, buscariam caminhos para transformar a realidade de abandono a que estão submetidas, uma vez que a educação possibilita mudanças nos campos socioeconômicos, político e cultural.

Muitos dos entrevistados, relataram que sempre que vão ao centro da cidade, passam por situações constrangedoras, desde o simples fato de pegar um ônibus, até mesmo nos bancos para sacar valores. Essas mesmas pessoas são as que se autodeclaram negras e que quando encontram empregos formais, são em funções consideradas inferiores. Sofrem portanto, três preconceitos: são negros, analfabetos e moradores de zona rural. Muitos alegam ser a falta de escolaridade, o principal motivo da dificuldade em sustentarem suas famílias ou terem um emprego digno.

5-3- A habitação e a Infraestrutura na Comunidade

As casas na comunidade são bem simples, a maioria delas foram construídas pela própria família com materiais considerados mais baratos no mercado, como telhas de amianto e em alguns casos, tijolos fabricados pela própria família para economizar dinheiro.

A maioria das moradias tem entre 5 e 6 cômodos, o que não sugere um certo conforto. Entretanto os moradores tem muito orgulho de mostrarem suas casas, pois muitos deles viveram “de favor” em casas de terceiros por boa parte da vida. Eles deixam claro que a conquista da casa própria é motivo de grande alegria.

As fotos abaixo são de casas da comunidade. É possível ver que são moradias inacabadas, relativamente pequenas e simples.



Figura 4: Casas da Comunidade

Foto: Tainara Gomes(2016)



Foto: Casa da Comunidade Foto: Tainara Gomes 2016.

Nesse levantamento verificou-se que 66% dos domicílios visitados é composto de famílias com até 5 membros. Quanto à ocupação dos domicílios, 90% possui casa própria, e uma parcela está morando em condição de empréstimo ,10%.

Em relação ao Acesso a Serviços de Infraestrutura, o quadro é o seguinte: os serviços de Energia Elétrica e Água são os que melhor contemplam a amostra estudada. Embora a energia seja compartilhada entre alguns poucos domicílios. Já o uso de telefones celulares (mais da metade da população estudada os possui) e internet são comprometidos devido à falta de sinal.

Compondo o quadro de todas as periferias e áreas rurais de Viçosa, Pau de Cedro é marcado pela total ausência do Estado. Nesse sentido, são muitas as carências aos serviços básicos, muitos destes que impossibilitam aos habitantes terem uma vida digna. Contudo, atendendo, mesmo que precariamente a população existem na comunidade a Secretaria Municipal de Política Social e entidades da sociedade civil que se encarregam das atividades

e programas de assistência social. O poder público municipal através do CRAS - Centro de Referência em Assistência Social e do CREAS – Centro Regional de Engenharia e Agronomia, são responsáveis pelos programas que atendem as famílias mais carentes, principalmente idosos, crianças e deficientes. Há de se destacar o programa Bolsa Família que contempla 12 das 18 famílias da comunidade.

Dentre as carências levantadas em campo, as que mais incomodam a população são a falta de uma escola e uma unidade de saúde no setor, a falta de incentivo à agricultura familiar e a precariedade do transporte escolar.

Um dos entrevistados é claro ao afirmar que sofrem com a falta de apoio à agricultura familiar que praticam e que têm dificuldade em fazer parcerias com os sindicatos, levando os moradores a comercializar/trocar os produtos entre si: “A gente sofre muito com a desvalorização do nosso trabalho, acabamos por escolher ao invés de vender nossos produtos na feira, fazer isso dentro da própria comunidade. Eles não querem pagar pelo nosso feijão, pela nossa pimenta ou milho ou banana. O que querem pagar, não cobre nosso gasto e trabalho que tivemos, não vale a pena. Muitos aqui plantam pra si mesmos e suas famílias. (...) e vai além, colocando em pauta o isolamento a que estão submetidos: “porque a nossa comunidade está esquecida aqui. Isolada da cidade, eles sabem que existe, mas finge que não Na verdade nem podiam ter fechado a nossa escola aqui, era a única coisa boa que tinha mesmo (...).

Os entrevistados evidenciam os problemas que enfrentam em mandar filhos para as aulas: (...)Porque não querem gastar dinheiro pra investir na roça, nas estradas pra nós, pra colocar ônibus pra nossos meninos ir pra escola e ter direito de saber das coisas. Com estrada ruim a gente fica preso aqui (...). Muitos moradores relataram que o coletivo que a prefeitura disponibiliza para levar os estudantes à escola, não aparece em dias chuvosos e afirmam que esse transtorno poderia ser evitado caso houvesse uma escola pública no setor Arrudas.

Com relação a coleta de lixo a maioria diz não saber o que fazer com o lixo produzido acabando por queimá-lo ou enterrá-lo. O que a longo prazo, pode trazer sérios problemas como a contaminação da água, abundante na região.

Algumas casas não possuem banheiros e os moradores têm dificuldade em construir e manter fossas que não causem prejuízos ao meio ambiente. A pobreza rural é revelada pela falta de infraestrutura básica a garantir qualidade de vida ao cidadão.

Outra carência citada é a criação de Cursos Técnicos voltados à Zona Rural. A população alega que há uma dificuldade de conseguir empregar-se formalmente e ressalta a importância de se criar cursos profissionalizantes voltados a capacitação de moradores das comunidades rurais. Afirmam que isso poderia acontecer através de parceria com a Universidade Federal de Viçosa, por meio de projetos Comunitários.

A saúde é, segundo a comunidade, um dos pontos que mais merecem atenção, pois a população não conta com serviço público de saúde tendo que se deslocar para as unidades no meio urbano.

Para resolver tal problema os moradores do Pau do Cedro, em sua maioria, recorrem a Unidade Básica de Saúde do bairro Amoras, que se situa a cerca de 11 km da comunidade. Muitos dos moradores reclamam, no entanto, que não tem recursos para utilizar o coletivo uma vez que os horários de ônibus não são compatíveis com o horário do atendimento. Alguns disseram acordar de madrugada e ir caminhando para a Unidade de Saúde. Na época da pesquisa, não havia fichas preferenciais para membros das áreas rurais vinculadas Unidade Básica de Saúde do Amoras, um bairro de Viçosa.

O atendimento do programa de saúde da família objetiva acompanhar e orientar as famílias para que mantenham um estilo de vida saudável e práticas de prevenção a enfermidades. Porém, os membros da comunidade só procuram a UBS em caso de doença, pois consideram o deslocamento é muito difícil.

As doenças mais comuns aos moradores da comunidade são diabetes, descontroles de pressão e colesterol, o que pode ter relação com o alcoolismo, muito presente na comunidade.

Muitos clamam pela ampliação dos horários de ônibus, que atendem a comunidade, colocando que o ideal seria mais do que três linhas diárias de segunda a sexta e finais de semana.

A pobreza rural pode ser considerada um inibidor da cidadania, o que pode ser observado a partir das desigualdades sócio-espaciais. Ela se define pela insuficiência de renda, falta de acesso a bens e serviços e da negação de direitos básicos, além da própria indiferença da sociedade que tem contribuído para ampliar o processo de exclusão social. No campo, as deficiências que refletem a pobreza são facilmente enxergadas no que diz respeito à habitação,

saneamento básico, transportes, lazer, cultura e serviços específicos nas áreas de saúde e educação.

Faz-se necessário que sejam implantadas pelo Estado, políticas públicas de enfrentamento a pobreza rural, priorizando o acesso à terra, aos bens e serviços básicos, a ampliação da educação no campo de forma a desenvolver capacidades e desta forma, promover a inclusão social.

Há também uma necessidade de procurar caminhos para o desenvolvimento econômico das áreas rurais, através da diversificação produtiva e a geração de emprego e renda.

A garantia efetiva aos direitos básicos às comunidades rurais, em Pau-de-Cedro, somente será possível com o fim da pobreza e da desigualdade.

5-4- A economia rural: virtudes e problemas

Neste estudo foi levantado o rendimento dentro e fora da propriedade rural. Observou-se que uma expressiva parcela da população vive com 1 salário mínimo - 66%, já os que vivem com menos de um salário mínimo representam 28% e os que recebem dois salários mínimos ou mais, 11%. Nota-se, portanto, que a pobreza rural é um dos aspectos que mais dificultam o real desenvolvimento das comunidades rurais, como Pau-de-Cedro.

A agricultura familiar é a principal fonte de renda das famílias da comunidade, já que quase toda população planta para subsistência e vende os excedentes. Os principais produtos cultivados são o milho, feijão, pimenta, verduras e leguminosas. Estes são comercializados na feira livre do centro e pequenos estabelecimentos comerciais em alguns bairros da cidade de Viçosa.



Figura 7: Culturas de Feijão, Milho, Pimenta, Verduras e Leguminosas na comunidade. Foto: Tainara Gomes (2016)

Nas palavras de Wanderley(1996), a agricultura familiar pode ser entendida como: “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.” (op. cit. p. 2).

Na agricultura familiar praticada no Pau do Cedro notamos que há uma centralidade do papel da família na organização da produção e na constituição de seu modo de vida e de trabalho que contribuem para o fortalecimento de vínculos e regras na comunidade.

Por meio dos contatos e conversas percebemos que os moradores se sentem orgulhosos de produzirem uma representativa parcela dos alimentos que consomem, consideram-se “limpos”, ou seja, orgulham-se de não utilizarem agrotóxicos para a produção. Nas palavras do líder da comunidade podemos ver o quanto o conhecimento passado pelo pai é importante: “Eu ouço o pessoal falando que tem que pôr adubo nas plantações. Eu uso esterco de bicho mesmo.

Eu não coloco veneno nas minhas roças não. É perigoso! Eu lembro do meu pai falando, que o faz crescer é o cuidado.”

A produção alimentar da comunidade fortalece a relação na própria família e entre os moradores, na medida em que propicia a realização de trocas de produtos e conhecimentos de quando e como plantar.

Nessa medida apesar do modelo capitalista de produção em curso no campo através do agronegócio ter contribuído para o esfacelamento da agricultura familiar, nota-se que os agricultores do Pau do Cedro buscam formas de resistir e manter a relação entre a natureza e a sociedade nas formas de cultivo da terra e nas relações de trocas estabelecidas entre a comunidade.

É nessa medida que os saberes tradicionais ocupam ainda o primeiro plano, mesmo que sabendo que ele se configura no interior de um sistema extremamente excludente.

5-5- As instituições sociais e estatais comunitárias: os limites do Estado

Pau- de-Cedro, no que tange aos espaços de socialização está esquecida, há apenas uma escola de educação infantil com classes multisseriadas, que na data da pesquisa se encontrava fechada já há dois anos, por falta de verbas e uma igreja. (Figuras 3 e 4). Não há escolas de ensino fundamental e médio neste meio rural, o que explica o deslocamento dos estudantes para a área urbana do município. Também na comunidade não há espaços destinados ao lazer deixando como opção de lazer as partidas de futebol no campo do Arrudas, nos bailes de forró promovidos pela própria comunidade e nas festas religiosas.



Figura 8: Escola Municipal Santo Antônio



Figura 9: Igreja Sagrado Coração de Jesus.

Fotos: Tainara Gomes(2016)

As pessoas tendem a reinventar seu cotidiano quando estão em situação de marginalização. A falta de possibilidades de diversão, lazer e cultura cria um empenho em transformar um evento simples em festa com sentido mais do que especial, fortalecendo os laços entre os moradores. Este é o caso da festa de Santo Antônio realizada na comunidade no mês de junho. É uma festa de cunho religioso, que foi reinventada pelos moradores.

Antigamente era uma festa em que as moças depositavam a fé em Santo Antônio para conquistarem maridos. As senhoras mais velhas da comunidade lembram em meio a risadas, que costuravam o próprio vestido para a festa, com muitas cores e laços para estarem bonitas e assim, conquistarem um marido. A festa antiga tinha por regra que começar às 14:00 horas e terminar às 20:00. O que dava início, era a realização de uma missa de 1:30h, celebrada por padres vindos de outras igrejas da região.

Após a missa, os participantes serviam os variados quitutes feitos pelas senhoras mais velhas da comunidade e mais tarde, começava uma disputa de danças entre casais. Era nesse momento, que rapazes e moças poderiam se conhecer e conversar. Ao cair da noite, a festa se encerrava e todos iam para suas casas. As moças ficavam os próximos dias à espera dos rapazes com os quais dançaram e que poderiam pedi-las em casamento.



Figura 10. Festa de Santo Antônio. Foto: Valmir G.S. 2016

Atualmente, a festa de Santo Antônio acontece de forma parecida, entretanto, a dança do casamento deixou de existir e deu lugar a um forró que dura toda noite. Os participantes se reúnem com antecedência e se juntam para preparar grandes panelas de comida e, caso haja disposição, a festa continua no dia seguinte na casa de um dos moradores.



Figura 11. Baile de forró da Comunidade Foto: Valmir Gs.2015.

No entanto, é importante ressaltar que apesar desta festa continuar, ela perdeu muitos adeptos pois muitos moradores passaram a ser protestantes, como pode ser constatado em entrevista.

As partidas de futebol num campo próximo a Comunidade constituem numa outra forma de lazer que a comunidade dispõe. Os jogos acontecem nas tardes de domingo e alegam dos mais novos aos mais velhos moradores da comunidade.

Essas alternativas de lazer e diversão reafirmam a identidade desses lugares e dessas pessoas, dando novos sentidos ao cotidiano. Os moradores fazem e vão as festas, eles não somente elaboram, como representam suas manifestações culturais no lazer.

As crianças da comunidade exploram o espaço disponível para criar brincadeiras. Improvisam escorregadores usando cascas de coqueiros, fazem gangorras em árvores frutíferas e como podemos ver nas fotos abaixo, brincam de esconde-esconde entre as casas e transformam pedaços de madeira em balanço. A distância das tecnologias faz com que elas criem seus próprios brinquedos, como se vê nas fotos que seguem:



5-6- O Nascimento do Lugar

O recorte histórico da origem do lugar foi feito através de relatos dos moradores mais antigos da comunidade, já que não foram encontrados arquivos oficiais anteriormente registrados que constasse a história desse lugar.

As falas dos entrevistados têm como ponto comum o indício de que a comunidade teve início a partir de um grupo de escravos fugidos de uma grande Fazenda da região denominada Fazenda Santo Antônio. O líder da comunidade contou que: “Minha vó dizia que isso aqui começou com uns escravos que vieram da Fazenda Santo Antônio. Vieram fugidos, porque apanhavam muito e nem podiam comer. Eu não consigo imaginar o sofrimento dessa gente que viveu essa época, mas deve ter sido muito triste.” (...)

Este grupo teria se fixado nessa porção de terra e investido na exploração madeireira do Cedro (*Cedrela Fissilis*), madeira que, devido sua resistência, era muito utilizada na construção de casas na época. Nas palavras da Dona Maria “Meus pais contavam que aqui tinha cedro demais. Madeira boa, resistente. Vendiam para fazer casa e fazenda, ou trocava por alimentos mesmo. Eu cresci ouvindo histórias de que isso aqui foi terra de escravo, mas a gente não sabe direito(...). Acredita-se que o nome da comunidade referencia a abundância dessa madeira na região.

O relato de outro entrevistado, vai além: “Esses terrenos aqui tem muita história, porque pertenceram a uma gente que lutou pra ser livre, eu estudei um pouquinho e sei. Eram pretos, fugiam pra cá, fugiam de castigo (...). Essa fala remete a ideia de conquista desta porção de terra por escravos fugidos da vida dura que levavam nas fazendas.

Muitos fazem relação com o fato da maioria da população ser negra e a possível presença de escravos no lugar: “Acho que é quem é de cor escura. Aqui a maioria é escuro. Alguns casaram com pessoas mais claras e misturou, mas a maioria daqui mesmo é preto. Meus pais falavam na época deles só casavam pessoas da mesma cor” (...). Dona Conceição acrescenta: “É sobre os escravos

né, falam que somos parentes de escravos, que foram eles que começaram isso aqui. Será? A maioria aqui é preta mesmo, mas ninguém nunca provou nada(...)"

As memórias dos entrevistados têm um ponto comum: remetem o início da comunidade, supostamente, a vinda de escravos fugidos para a região. Essas histórias, repassadas de geração a geração, ficaram registradas somente na memória desses sujeitos, já que não foram encontrados documentos oficiais que contam essa história. As expressões "terra de preto", "gente sofrida", que apareceram nos relatos apontam para uma suposta presença de negros escravizados no passado.

5-7- As trajetórias de Vida: o sentido de lugar

Todos os moradores da Comunidade Pau-de-Cedro nasceram lá e têm uma forte ligação com o lugar e os demais moradores. A Dona Maria é enfática ao contar que: "em toda minha vida morrei aqui no Pau-de-Cedro. Aqui tive minha família, criei meus filhos. Eu tive a chance de sair daqui e morar em São Paulo quando tinha 18 anos, mas não me ajeitei não. Meu lugar é aqui. É aqui que eu nasci e quero morrer."

Dona Conceição mostra através da sua fala que a história de sua vida foi construída em Pau-de-Cedro: "Moro aqui desde criança e tenho muito gosto por esse lugar. Isso aqui é minha vida." Essa afeição pelo lugar é algo que foi percebido em todas as falas.

O vínculo estabelecido com a terra é tão intenso que muitos dizem que não conseguem e nem sequer imaginam vivendo em outro lugar. O líder comunitário conta que: "A vida simples é muito melhor. Ando com o pé no chão, despreocupado, deixo meus filhos soltos... Eu sou feliz aqui." E afirma ainda que: "Ter essa terra representa pra mim significa dar sequência no que meu pai começou, ele demorou muito pra ter sua terra e queria ver a gente trabalhando e fazendo produzir. Eu não saberia viver em outro lugar. Aqui eu sei que é meu e ninguém pode tirar. É aqui que tenho minha família, meus amigos, minhas coisas..."

O fato de terem nascido e permanecerem na comunidade mesmo com tantas dificuldades pode ser entendido como uma forma de resistência dessas

peças. Esse aspecto pode ser notado na fala de Dona Conceição, que diz o seguinte: “(...) aqui é o lugar da minha família. Aqui tem muita história de sofrimento, até fome passamos, mas apesar da dificuldade, a gente sobreviveu. Eu não quero sair daqui não. Construí minha história aqui.”

5-8- A vida e o trabalho na comunidade: as paisagens do esquecimento

É possível perceber que em todas as entrevistas há uma unanimidade com relação ao sofrimento que sempre acompanhou as famílias que eram grandes e tinham poucos recursos, falam da fome, das dificuldades enfrentadas e superadas com muito trabalho.

Em contrapartida, o trabalho aparece como a ferramenta usada na superação das dificuldades e condução da vida. O gosto pela terra é evidenciado como podemos ver na fala da Dona Maria: “Hoje sou aposentada, mas trabalhei duro nessa vida, comecei com 7 anos, meus pais me levavam junto com meus irmãos pra roça. Éramos nove, cinco homens e quatro mulheres. O trabalho era pesado e ficávamos até o sol começar a ir embora. Eu sou muito grata aos meus pais por terem me ensinado a trabalhar desde cedo. Acho que só assim a gente pode conseguir nossas coisinhas. Eu sou aposentada e ainda continuo trabalhando. Apanho café, planto roça de milho e feijão, pra gente mesmo sabe? Eu gosto de cuidar da terra. É ela que nos dá o alimento. Não pode ter preguiça não.”

Sr. Duquinha também exalta a importância do trabalho na sua vida, dizendo: “Eu trabalhei minha vida inteira na roça, tudo que eu tenho consegui com muito suor e luta, as coisas que a gente consegue correndo atrás é que tem valor.”. Esse é um ponto comum também na fala do Líder Comunitário: “Planto e colho. É pesado o trabalho, mas eu não ligo. O sol que castiga a pele é o mesmo que faz nascer a semente e a chuva também.”

A agricultura de subsistência aparece como sendo a atividade praticada por quase toda população pesquisada. É através dela que essas famílias garantem a sua sobrevivência. Acreditam que somente a comunidade dá o verdadeiro valor ao trabalho, por isso, muitas vezes deixam de vender seus produtos na cidade e fazem trocas no interior da própria comunidade,

instaurando um tipo de economia voltada a subsistência e praticada pela própria família.

Esse pensamento demonstra que há uma certa resistência a interferência externa. O viver “do jeito deles” permite que se organizem e expressem seus valores e princípios, reforçando a afetividade do grupo. A comunidade sob o quesito trabalho é um espaço de trocas e permite que os sujeitos se apropriem dos valores que ali são compartilhados. Vive-se de um jeito próprio, num lugar deles, ou seja, num território próprio e com territorialidades (re)criadas por e para o grupo.

É possível perceber, ainda, que as estratégias de resistência dessa comunidade, se configuram como resistência pela sobrevivência. Eles se organizam, plantam, vendem, trocam tentando manter-se independente da cidade. Devido a um passado de sofrimento, esse universo analisado permite afirmar que há uma lógica social e racial, onde a interação, o convívio e o isolamento influenciam na construção da identidade dessa população.

Os laços comunitários são fortalecidos pela agricultura familiar, pela troca de conhecimentos entre os membros da comunidade e ainda, pelas diversões em coletivo através da reinvenção do cotidiano. As festas religiosas, os encontros, os bailes de forró e os brinquedos e brincadeiras inventados pelas crianças configuram-se como territorialidades de resistência.

É válido lembrar que, territorializar-se significa, acima de tudo, ter poder e autonomia para estabelecer determinado modo de vida em um lugar. Neste sentido, ao analisar a comunidade percebe-se que ela se insere num meio rural caracterizado por indicadores que denotam um modo de vida precário, a margem do mundo letrado e com pouquíssima tecnologia. Em contrapartida, observa-se que a despeito desses problemas há uma forte identificação com a terra, que se traduz nas relações entre os moradores e a terra com a qual se alimentam. Há um forte sentimento de pertença e identificação com o lugar, reafirmado nas falas de quase todos os moradores. O lugar é então o espaço onde essas pessoas reproduzem a sua vida e recriam seu cotidiano.

Poucos moradores sabem detalhes de sua história familiar e a história da formação do lugar, porém acreditam que seja o suficiente para manter-se ali, no território onde formaram suas famílias e viveram parte, ou toda vida.

Sobre a possível identidade quilombola, os moradores de Pau-de-Cedro não têm conhecimento, entretanto, as vivências relatadas, a manutenção dos costumes e a união entre os membros demonstram que a Comunidade, mesmo que subjetivamente, traz marcas de um passado de luta e resistência.

Contudo, um aspecto marcante é que Pau-de-Cedro tem sua maior população formada por negros que vivem no lugar há mais de 150 anos e cujos ascendentes também moravam na região. Essa comunidade guarda como herança de seus antepassados a agricultura familiar, que é a base da subsistência das famílias.

Uma vez sabido que a cultura é dinâmica, é de se esperar que os costumes, tradições e modos de vida se transformem com o passar do tempo, porém no caso do Pau de Cedro acreditamos que sua raiz ainda se funda em algumas tradições do passado. Os moradores ao afirmarem que ainda “comemos chouriço, bucho de boi, fissura, feijão com farinha igual nossos velhos no passado”, trazem uma herança cultural de seus antepassados. O hábito de beber cachaça e fumar é comum a quase todas as famílias pesquisadas, é um costume que segundo eles vai sendo repassados entre as gerações. Acreditam que a cachaça dá energia para o trabalho braçal, pois “aquece o corpo”. Curiosamente, a cachaça existe no Brasil há aproximadamente 400 anos e seus primeiros consumidores foram os negros escravizados. Eles bebiam para aliviar as dores e ter força para trabalhar.

O elevado número de famílias em situação de vulnerabilidade social, as altas taxas de analfabetismo e demais carências evidenciam a necessidade de estudos e políticas públicas para a área rural, principalmente direcionadas à geração de renda e qualificação para o trabalho. Infelizmente, não há muito esforço por parte da sociedade e do poder público em conhecer e buscar mecanismos de transformação dessa realidade de esquecimento imposta a comunidade.

5.9-Identities em questão: uma comunidade quilombola?

Pau-de-Cedro é uma comunidade de maioria negra e está excluída social e territorialmente da cidade de Viçosa. Nela, várias trajetórias de vida se cruzam e garantem o seu caráter identitário.

Não podemos afirmar que a comunidade seja um território quilombola, embora seja visível pela aglomeração de moradores negros, muitos nascidos neste local e que tiveram ascendentes escravizados, tendo em comum a história de luta e resistência para viverem e sobreviverem na terra conquistada pelos seus pais e avós. Os indícios também dizem respeito a Fazenda Santo Antônio, que era uma grande fazenda da região e de onde, supostamente, os escravos fugiam.

Posto isso, essa pesquisa não tem caráter conclusivo. Faz-se necessário que outras pesquisas sejam feitas. A única certeza que se tem é a de que esta comunidade carece de políticas que a auxiliem no desenvolvimento econômico social e projetos que viabilizem a garantia dos direitos básicos.

O racismo, inclusive, é umas das muitas barreiras a serem quebradas. Essa realidade opressora que esta população vivencia é responsabilidade de uma sociedade que a torna cada vez mais “invisível”. É preciso que essa realidade seja transformada. Penso ser a educação, o único caminho possível.

A discussão acerca da história dessas pessoas e dos seus lugares, o conhecimento de suas origens pode ser o ponto de partida para um futuro auto reconhecimento e transformação da realidade.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu compreender que a Comunidade Negra Rural Pau-de-Cedro, embora não possa afirmar ser remanescente de quilombos, é por excelência uma comunidade marcada pelo sofrimento, por lutas e resistência de uma população composta majoritariamente de negros e que sobrevivem naquela terra há cerca de 150 anos.

Diante do modelo capitalista vigente de dominação e exclusão das minorias esta comunidade, invisibilizada pelo poder público e a sociedade,

mantêm ainda seus saberes e modo de vida, saberes esses que foram partilhados num longo tempo da história. Apesar das dificuldades, os moradores do Pau- de- Cedro vivem basicamente do que produzem em suas terras, o que configura uma resistência ao modelo econômico atual.

É de suma importância que as comunidades negras rurais sejam estudadas. Esse é um caminho para que seus saberes ganhem visibilidade, saberes esses, demasiadamente importantes e diversificados.

Este trabalho buscou trazer a comunidade para a discussão. Ela revelou-se como um espaço repleto de pessoas que permanecem com fortes vínculos com a terra, indicando as heranças e cruzamentos de histórias locais e de um passado escravocrata. Os recursos do território e o acesso à terra, trazem à tona a necessidade de pensar as demandas historicamente construídas considerando as exclusões sociais e raciais no espaço.

A comunidade em questão é um espaço plural, se encontra repleta de desafios a serem superados nas esferas econômica, social e ambiental. Essa pluralidade e carências apontam para a necessidade de uma nova forma de se enxergar o rural nas cidades, ou seja, uma nova identidade pautada num passado comum, com tradições culturais próprias, mas que tem desafios que se associam às dinâmicas do mundo urbano. Educar essa população é o caminho para que se tenha, efetivamente, a garantia da terra e de seus direitos.

7- BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALMADA CRUZ (coordenador geral) - **Retrato Rural de Viçosa**. VIÇOSA, MG: CENSUS, 2014,51P.

ALMEIDA. A.W.B de. **Terras de preto, terras de santo e terras de índio: posse comunal e conflito, humanidades**. Nº15, ano IV, 1997/1988, Brasília, Ed.UNB.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombos e as novas etnias**. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ANJOS, R. S. A dos. **Territórios étnicos: o espaço dos quilombos no Brasil**, p. 115 – 136. In: SANTOS, R. E dos. (org). **Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. (Prêmio EDUSC/ANPOCS) – Bauru, SP: Edusc, 2006 – (coleção Ciências Sociais). Associação Brasileira de Antropologia. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/>
Acesso: Novembro 2016.

BERDAGUE, Camila da Silva. **A autopsia urbana: degradação e revitalização da cidade**, Viçosa, UFV, 1976.

CARENO, Mary Francisca do. **Nhungara: uma comunidade Rural do Vale do Ribeira**. Revista de História 132 (1995). P. 59-67.

CARRIL, Lourdes de F. **Quilombola, território e geografia**. In: Revista Agrária, nº 3. São Paulo, 2006. Versão eletrônica: <http://www.geografia>.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CEDEFES- Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Afro Brasileiros. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br/new/index.php>>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

Constituição Federal de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)**. 5ed. São Paulo: Globo, 2008.

FIABANI, Adelmir. **Mato, Palhoça e Pilão – o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes** [1532 - 2004]. Expressão Popular, 2012

FILHO, Edson da Silva. **A contextualização Antropológica e Geográfica das áreas quilombolas das Minas Gerais dos setecentos: os quilombos da região de Campo Grande**. Belo Horizonte. 2011.

FLENCH, Jan. Hoffman. **Os Quilombos e seus direitos hoje: entre a construção das identidades e a história**. Revista de História 149. (2º semestre de 2003) p.45-68.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Quilombos e Política (MG Século XVIII)**. Revista de História 132.FFLCH-USP.1º Semestre de 1995.

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2005, p. 6774 – 6792.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: julho 2016

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. In: Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Rio de Janeiro: 1998, volume 21, p. 9-20.

LIBBY, Douglas Cole. **As populações escravas das Minas setecentistas: um balanço preliminar**. In: RESENDE, M.E.L. & VILLALTA, L. C. (orgs). História de Minas Gerais. As Minas setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.407-438. Vol.

MALHEIRO, Perdígão (1976), **A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social**. 3. ed. v. I. Petrópolis: Vozes

MELLO, Marcelo Moura. 2012. **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural**. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 267 pp.

MILLER, Joseph. C. **Restauração, reinvenção e recordação: recuperando identidades sob a escravização da África e face a escravidão no Brasil**, Revista de História, São Paulo, n.164, p.17-64, jan/jun. 2011.

MONTEIRO, Fabiano Dias. **Discursos Raciais e Leis Antirracismo no Brasil: retomando a questão da ambiguidade**. FAPERJ. P.9-24. 2011

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980

N'GOLO – Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_ngolo> acesso em: 10 de outubro de 2016.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **Direitos Quilombolas e dever do Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988**. Rio de Janeiro. Associação Brasileira de Antropologia, 2016. 352p. Disponível: www.portal.abant.org.br/index.php/65 publicações. Data do Acesso: 16/06/17

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Donald. O Quilombo e o Sistema Escravista em Minas Gerais do século XVIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos S.(Org). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.p.164-187.

REIS, João José. **Uma história da liberdade**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Paisagens, Geosímbolos e dimensões da Cultura em Comunidades Quilombolas**. UFC. Mercator, Fortaleza, v.10, n. 22. P.103-121, maio/agosto 2011. Disponível em www.mercator.ufc.br

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; e BUENO, Sandra M. Nora. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Psicologia e Sociedade. Porto Alegre, jul./dez.2002, p. 74-94.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SAQUET, M. A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo, Expressão Popular,2007.

SILVEIRA, Marco Antônio. **Acumulando Forças: luta pela alforria e demandas políticas na capitania de Minas Gerais (1750-1808)**. Revista de História 158. (1º semestre de 2008) p.131-156.

SOUZA, Ana Luiza de. **História, educação e cotidiano de um Quilombo chamado Mumbuca/ MG** Campinas, SP:[S.N],2006

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro: A Pobreza Mineira no Século XVIII**. 2ª. ed. São Paulo: Graal, 1986. p. 51-90

SOUZA, Ângela Fagna Gomes de e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ser e Viver enquanto Comunidades Tradicionais**. Mercator, Fortaleza, v.11. n.26. p.109-120. Set/Dez 2012. Disponível em www.mercator.ufc.br

SOUZA, Elane Bastos de. **A Comunidade Negra Rural do povoado de Matinha dos Pretos (BA): uma perspectiva geográfica**. Universidade Federal da Bahia.

SOUZA, M. L de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I.E. de; GOMES, P.C da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Geografia: Conceitos e temas. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998

TRINDADE, Joseline S. B. “**Nós, quilombola?**” [www. Knoina. Org. br](http://www.Knoina.Org.br). Acesso em: 24-03-2017

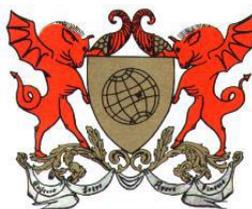
VEIGA-NETO, Alfredo. **Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol?** In: _____ (Org.). Crítica Pós-Estruturalista e Educação. Porto Alegre: Sulina, 1995.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. xx Encontro Anual da ANPOCS. GT 17. Processos Sociais Agrários. dezembro de 1996.

Anexos

Anexo I:

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DA COMUNIDADE



PROJETO: “A comunidade Negra Rural “Pau- de Cedro”: pluralidade espacial, desafios e possibilidades”.

Esta é uma pesquisa de responsabilidade da graduanda do Curso de Geografia da UFV, Tainara Aparecida Gomes, sob orientação da Prof.^a Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

Nome entrevistado (a):

Tempo de residência na Comunidade: _____

A) Sobre a Trajetória Social e Construção Identitária

- 1) Poderia me contar um pouco sobre quem é você? Onde nasceu? Sobre sua família e seu trabalho?
- 2) Você já morou em outros lugares? Já morou na cidade?
- 3) Qual o significado de ter uma terra aqui nesta comunidade?
- 4) O fato de morar aqui diz algo sobre quem você é?

B) Sobre o processo de formação da Comunidade

- 1) O que você sabe sobre a formação da Comunidade do “Pau-de-Cedro”?

- 2) Por que este nome “Pau-de-Cedro”?
- 3) Você acha importante saber sobre a história do lugar onde você vive?

C) Sobre a Comunidade -Identidade e Cotidiano

- 1) Você sabe o que é uma comunidade quilombola?
- 2) Se sim, você acha que a Comunidade de “Pau-de-Cedro” pode ser considerada como uma?
- 3) Se não, já ouviu falar sobre isso alguma vez?
- 4) Você conhece todo mundo aqui na comunidade?
- 5) Como você acha que são os relacionamentos aqui? São solidários uns com os outros ou é “cada um por si”?
- 6) Existe produção coletiva aqui na comunidade?
- 7) Existe associação aqui? Como funciona?
- 8) Como o sr. (sra) adquiriu a terra/lote? (Doação, compra, herança, etc.)
O sr. (sra) gosta de morar aqui?
- 9) Se o sr. (sra) tivesse a oportunidade, gostaria de morar na cidade? Por quê?
 - 10) Que problemas o sr. (sra) e a sua família enfrentam por morar aqui na Comunidade?
 - 11) O sr. (sra) gosta da casa onde mora?
 - 12) Como é o dia-a-dia de quem vive aqui?
 - 13) O que o Sr. faz quando não está trabalhando? O que o Sr. faz para se divertir?
 - 14) Com o que trabalham? A maioria é com a produção agrícola?
 - 15) As pessoas participam da igreja?
 - 16) Há alguma festa aqui que o Sr. participa? (Congado, festa religiosas, ritos religiosos.)?
 - 17) O Sr. acha que essas festas continuam sendo feitas como eram antigamente?
 - 18) Todos participam juntos das festas que existem aqui?
 - 19) Quais são os lugares de encontro aqui na comunidade?
(Associação, bar, etc.)
 - 20) Em que o Sr. (a) trabalha?
 - 21) O Sr. trabalha com a terra? Que produtos o Sr. cultiva? Já vendeu algum produto?

22) O que você compra na cidade?

23) Tem ajuda de alguém? Os filhos ajudam? Os vizinhos ajudam?

Se sim, em época de colheita pode contar com a ajuda dos filhos e/ou de algum vizinho?

24) Qual a importância tem para o Sr., ser dono da terra em que trabalha?

25) E com os filhos do Sr., o Sr. acha que eles têm a mesma ligação? Ou eles querem/sentem vontade de sair daqui, ir para outro lugar?

26) Em relação ao passado, como está sua vida hoje? Melhorou ou não? E pro futuro, o que espera?

Questionário Geral

Entrevistador: _____ Data ___/___/___

1. Identificação

Nome: _____

Idade: _____ Origem: _____

Religião: _____ Raça: _____

2. Estimativa da População da Comunidade Rural “Pau-de-Cedro” segundo gênero e Faixas Etárias.

	GÊNERO		TOTAL	%
	MASCULINO	FEMININO		
FAIXA ETÁRIA				
0 A 11 ANOS				
12 A 18 ANOS				
19 A 59 ANOS				

MAIS DE 60 ANOS				
-----------------	--	--	--	--

3. Estimativa da Composição da População da Comunidade “Pau-de-Cedro” com Idade Ativa

COMPONENTES	N°	%
APOSENTADOS		
INCAPAZES PARA O TRABALHO		
ASSALARIADO RURAL		
ASSALARIADO URBANO		

4. Nível Educacional em percentagem da População da Comunidade Rural “Pau-de-Cedro”

NIVEL EDUCACIONAL	%
SEM INSTRUÇÃO	
1º GRAU INCOMPLETO	
1º GRAU COMPLETO	
2º GRAU INCOMPLETO	
2º GRAU COMPLETO	
SUPERIOR COMPLETO	
PÓS-GRADUAÇÃO	
TOTAL	

5.HABITAÇÃO E INFRAESTRUTURA

NÚMEROS DE MORADORES POR DOMICÍLIO	NÚMERO DE DOMICÍLIOS	%
1 E 2 PESSOAS		
3 E 4 PESSOAS		
5 E 6 PESSOAS		
MAIS DE 7 PESSOAS		
TOTAL		

6-Composição das Famílias na Comunidade Rural “Pau-de-Cedro”

POSIÇÃO NA FAMÍLIA	Nº DE INDIVÍDUOS
PRINCIPAL RESPONSÁVEL	
CÔNJUGUE	
FILHOS	
NETOS	
OUTROS PARENTES	
OUTROS MORADORES	
TOTAL	

7- DOMICÍLIOS DA COMUNIDADE RURAL PAU-DE-CEDRO SEGUNDO A CONDIÇÃO DE POSSE

CONDIÇÃO DE POSSE	Nº	%
PRÓPRIO		
CEDIDO		
ARRENDADO		
FINANCIADO		

TOTAL		
-------	--	--

8- ACESSO A SERVIÇOS DE INFRAESTRUTURA

SERVIÇOS	Nº	%
ENERGIA ELETRICA		
TELEFONE FIXO		
CELULAR		
INTERNET		
TRANSPORTE PÚBLICO		
FONTE DE AGUA -SAAE		

9-ASPECTOS ECONÔMICOS DA COMUNIDADE RURAL “PAU-DE-CEDRO”

RENDA	HOMEM	MULHER
MENOS QUE 1 SALÁRIO MINIMO		
1 SALARIO MINIMO		
2 SALARIOS MINIMOS		
3 OU MAIS SALÁRIOS MINIMOS		
TOTAL		

ASPECTOS SOCIAIS

10. CARÊNCIAS

COLETA DE LIXO					
ESTRADAS					
UNIDADE DE SAUDE					
ESCOLAS					
COMÉRCIO LOCAL					
HABITAÇÃO					
TRANSPORTE					

TRANSPORTE ESCOLAR					
SEGURANÇA					

SAÚDE

	NÚMERO DE PESSOAS	SIM	NÃO
PLANO DE SAÚDE			
PSF			
TOTAL			

ANEXO 3- Transcrição das Entrevistas

DONA MARIA

__Dona Maria, a senhora é uma das mais antigas moradoras da comunidade. Poderia me dizer um pouco sobre quem é você, sobre sua família, sua vida?

“Posso falar o que eu quiser minha filha? Então vamos lá... Eu me chamo Maria G. F. tenho 81 anos e em toda minha vida morrei aqui no Pau-de-Cedro. Aqui tive minha família, criei meus filhos. Eu tive a chance de sair daqui e morar em São Paulo quando tinha 18 anos, mas não me ajeitei não. Meu lugar é aqui. É aqui que eu nasci e quero morrer. Hoje sou aposentada, mas trabalhei duro nessa vida, comecei com 7 anos, meus pais me levavam junto com meus irmãos pra roça. Éramos nove, cinco homens e quatro mulheres. O trabalho era pesado e ficávamos até o sol começar a ir embora. Eu sou muito grata aos meus pais por terem me ensinado a trabalhar desde cedo. Acho que só assim a gente pode conseguir nossas coisinhas. Eu sou aposentada e ainda continuo trabalhando.

Apanho café, planto roça de milho e feijão, pra gente mesmo sabe? Eu gosto de cuidar da terra. É ela que nos dá o alimento. Não pode ter preguiça não.

___O que significa ter uma terra aqui na comunidade? O fato de morar aqui diz sobre quem a senhora é?

“Significa muito. Porque eu nasci e cresci nela. Aqui significa família. Meus pais também viveram aqui até a morte. Eles que deixaram esse pedacinho de terra aqui e dividiu pra nós, os 9 filhos. Então aqui é o lugar da minha família. Aqui tem muita história de sofrimento, até fome passamos, mas apesar da dificuldade, a gente sobreviveu. Eu não quero sair daqui não. Construí minha história aqui.”

___A senhora sabe algo sobre a formação da Comunidade Pau- de Cedro? Por que este nome?

___É por contas das árvores né? Meus pais contavam que aqui tinha cedro demais. Madeira boa, resistente. Vendiam para fazer casa e fazenda, ou trocava por alimentos mesmo. Eu cresci ouvindo histórias de que isso aqui foi terra de escravo, mas a gente não sabe direito. Tem muito, mas muito tempo. O nome veio da madeira, isso eu sei. Agora o início disso aqui ninguém sabe ao certo, só tem as histórias que nos contavam...

___A senhora disse que contavam que aqui foi terra de escravo? A senhora sabe o que significa quilombo?

___Eu já escutei falar. Mas não sei te explicar não. Acho que é quem é de cor escura. Aqui a maioria é escuro. Alguns casaram com pessoas mais claras e misturou, mas a maioria daqui mesmo é preto. Meus pais falavam na época deles só casavam pessoas da mesma cor. Tinha até umas danças que faziam no dia do casamento, eu sabia mas esqueci. Já tem muitos anos.

___Tem festas religiosas aqui na comunidade?

__Tem sim. A festa de Santo Antônio. Acontece desde que eu tinha uns 7 anos, eu lembro que participo.

__A senhora disse que ainda trabalha. O que a senhora planta? A senhora compra muito na cidade?

__Sim, minha filha. Eu planto milho, feijão, verdurinhas, e é tudo pra casa mesmo. As vezes algum vizinho vem pedir pra vender, eu acabo trocando por algo que eu esteja precisando. Troco milho por feijão, ou por café. Eu tenho que comprar algumas coisa na rua né? Não dá pra plantar tudo em casa, mas eu compro pouca coisa, crio minhas galinhas, porcos e tenho muito pé de fruta ai. De fome a gente não morre não.

__Em relação ao passado, como está sua vida hoje? Espera algo para o futuro?

__Melhorou demais. Mas eu sinto falta de muita coisa. Antigamente eu vivia mais tranquila, hoje a violência está demais e as coisas estão ficando muito difíceis, minha filha. Eu não espero muito do futuro, pois já passei dos 80, mas para os meus netos eu espero que consigam estudar, coisa que eu nem meus irmãos conseguimos fazer. Desejo que eles sejam pessoas honestas e trabalhem direitinho, pode ser na rua ou aqui mesmo na roça. Os maiorzinhos já me ajudam muito. Acho que eles não vão querer sair daqui não. Eu não sei... Pode ser que queiram, mas sei que sempre vão vir, porque a casa deles é esse lugarzinho aqui.

SEU DUQUINHA:

“Com minha fé em Nossa Senhora Aparecida eu completei 100 anos. Sempre morei aqui, mas hoje eu acabo ficando mais na casa da minha filha no Santo Antônio, elas tem medo de me deixar na roça e eu passar mal, porque é longe né? Mas eu não ligo não. Deus já me abençoou demais viver bem é pra poucos ...Eu trabalhei minha vida inteira na roça, tudo que eu tenho consegui com muito suor e luta, as coisas que a gente consegue correndo atrás é que tem

valor. Essas terras aqui, meus pais que deixaram de herança, eles tomaram posse delas, mas conseguiram com um político conhecido, um documento provando que era deles. Aí eu e meus irmãos sempre trabalhamos duro pra aproveitar a terra e a água dessas terras. Graças a Deus conseguimos ter nossas famílias. Meus filhos continuam cuidando das terras, cada um planta o que quer. Meus netos tem espaço a vontade pra correr e brincar. Eu vejo na cidade, as crianças não podem ficar soltas na rua, aqui é bom por isso...

Esses terrenos aqui tem muita história, porque pertenceram a uma gente que lutou pra ser livre, eu estudei um pouquinho e sei. Eram pretos, fugiam pra cá, fugiam de castigo... É uma pena que ninguém saiba contar direito, mas acho que todo mundo já ouviu falar dessa história. Eu não sei se você concorda, mas o prefeito devia registrar as terras de quem está aqui. Por são terras que pertencem a avós dos que estão aqui. Daqui um tempo pode aparecer alguém querendo que saiam daqui. E as pessoas daqui são humildes e não sabem nem ler, as coisas estão mudando aos poucos, com os mais jovens, mas você sabe é pouca gente interessada...

Aqui tem festa da igreja, antes ia muita gente, quase a comunidade inteira, hoje tem gente que virou evangélico e saiu, já não participa mais. Era uma festa muito bonita de Santo Antônio... Bonita mesmo! Tem os bailes de forró também, reúnem na casa de alguém e tocam. Cada um leva uma coisa e faz aquele banquete e a dança vai noite adentro...

Aqui é um lugar muito tranquilo, todo mundo conhece todo mundo, mas acho que isso vai mudar daqui um tempo. Mas por enquanto é muito bom. Me sinto melhor aqui que na rua, estar perto da natureza, poder respirar ar puro...

DONA CONCEIÇÃO

“Sou Conceição S. G. Tenho 74 anos. Mãe de 5 filhos e avó de 11 netos. Moro aqui desde criança e tenho muito gosto por esse lugar. Isso aqui é minha vida. Lembro de muitos anos com apenas alguns meses, minha mãe já me levava pra lavoura, eu aprendi desde cedinho o gosto pelo serviço. Minha mãe era cozinheira de mão cheia e eu herdei isso dela. Faço bolos, biscoitos e tudo

que você imaginar e muito gostoso. Tive 2 maridos, os dois já faleceram, eles também nasceram aqui.

Meu terreno é herança, mas não tenho documentação nenhuma aqui. Meu filho até chegou a olhar na prefeitura, mas é muito caro e eu sou aposentada não tenho como pagar ... Mas é meu! Antes era dos meus pais, eles trabalharam numa fazenda quando eram novos e depois vieram pra cá. Viveram aqui até a morte e deixou a terra pra nós...

O nome da comunidade vem das madeiras que os primeiros moradores cortavam pra construir, hoje tem uma ou outra, mas meus pais falavam que era cedro que não acabava mais aqui.

Já ouvi sim. É sobre os escravos né, falam que somos parentes de escravos, que foram eles que começaram isso aqui. Será? A maioria aqui é preta mesmo, mas ninguém nunca provou nada...

Minha vida melhorou muito. Mas eu gosto da minha vida simples, sem preocupação, aqui tenho tudo que eu preciso, só plantar que dá. E eu compro algumas coisas na rua, mas é pouco... A gente tem que valorizar o que a nossa terra aqui né?

LÍDER COMUNITÁRIO (não quis ser identificado)

“Tenho 37 anos e sou o 3 filho mais velho de 7 irmãos. Só eu e mais outra que moramos aqui, os outros foram pra São Paulo trabalhar e ficaram, eu e a minha irmã também fomos, mas nós não gostamos. A vida simples é muito melhor. Ando com o pé no chão, despreocupado, deixo meus filhos soltos... Eu sou feliz aqui. Planto e colho. É pesado o trabalho, mas eu não ligo. O sol que castiga a pele é o mesmo que faz nascer a semente e a chuva também. Eu não sei ler muito, mas eu faço o que posso pra ajudar a comunidade. Eu corro atrás mesmo, é só assim que as coisas vão mudar. Eu aprendi muito com meus pais. Aprendi a entender as vontades da natureza, quando ela quer que eu plante eu planto, quando não, eu não insisto. Eu olho o céu e sei se vai chover, olho a lua e sei qual semente devo plantar. Eu ouço o pessoal falando que tem que pôr adubo nas plantações. Eu uso esterco de bicho mesmo. Eu não coloco veneno nas minhas roças não. É perigoso! Eu lembro do meu pai falando, que o faz

crescer é o cuidado. Tento passar isso pra comunidade. Não pode ter preguiça, tem que trabalhar e cuidar.

Ter essa terra representa pra mim significa dar sequência no que meu pai começou, ele demorou muito pra ter sua terra e queria ver a gente trabalhando e fazendo produzir. Eu não saberia viver em outro lugar. Aqui eu sei que é meu e ninguém pode tirar. É aqui que tenho minha família, meus amigos, minhas coisas...

Aqui todo mundo se conhece e se ajuda. Quase todo mundo é parente, mesmo mais longe. Ninguém nega ajuda não. Cada um planta o seu, mas se pedir o outro ajuda. Minha casa é simples, mas aos poucos estou mexendo, eu mesmo faço. Está ficando bonitinha.

Eu sou católico. Acho triste que as pessoas aqui já não de tanto valor a festa de santo Antônio. Era a ocasião mais esperada por todos, lembro desde pequeno. Vou as missas e Nossa Senhora vai me abençoando e eu vou lutando...

Eu já fui procurado pra esclarecer isso. Vou te falar o que eu sei. Minha vó dizia que isso aqui começou com uns escravos que vieram da Fazenda Santo Antônio. Vieram fugidos, porque apanhavam muito e nem podiam comer. Eu não consigo imaginar o sofrimento dessa gente que viveu essa época, mas deve ter sido muito triste. Se for verdade, acho que pode sim, nós aqui somos pretos, comemos fissura, chouriço, bucho de boi, feijão com farinha, bebe cachaça e pita cigarro de palha, os que ainda acreditam cultuam na festa de Santo Antônio, a gente se organiza aqui, pra todo mundo sair ganhando com as melhorias que chegam pra nós. Eu te falo que eu gostaria muito de saber direitinho essa história, mas não tem jeito né? Sei que os quilombolas tem direito a terra por lei, mas o pessoal aqui é humilde e não entende, acham que é coisa ruim e nem se interessam em ouvir. Eu tento passar pra eles o pouco que eu sei, quem sabe um dia eu consiga uma ajuda, porque a nossa comunidade está esquecida aqui. Isolada da cidade, eles sabem que existe, mas finge que não. Porque não querem gastar dinheiro pra investir na roça, nas estradas pra nós, pra colocar ônibus pra nossos meninos ir pra escola e ter direito de saber das coisas. Com estrada ruim a gente fica preso aqui. Na verdade nem podiam ter fechado a nossa escola aqui, era a única coisa boa que tinha mesmo.

A gente sofre muito com a desvalorização do nosso trabalho, acabamos por escolher ao invés de vender nossos produtos na feira, fazer isso dentro da própria comunidade. Eles não querem pagar pelo nosso feijão, pela nossa pimenta ou milho ou banana. O que querem pagar, não cobre nosso gasto e trabalho que tivemos, não vale a pena. Muitos aqui plantam pra si mesmos e suas famílias.

Aqui só um e outro trabalha assalariado, o resto é com a terra de sol a sol. Os filhos ajudam, neto ajuda, família inteira, tem que ser assim. Trabalhar honestamente e não querer nada fácil.

Minha vida melhorou demais e se Deus quiser a dos meus filhos será melhor. Eles ainda não querem sair daqui. Espero que permaneçam sendo boas pessoas. Só isso que espero e saúde pra eu poder trabalhar aqui no meu canto...